

SOU
LIBERDADE
E LUTA!



SOU
LIBERDADE
E LUTA!

São Paulo
2021





Diretor: Serge Goulart
Coordenação Editorial: Lucy Dias e Chico Aviz
Projeto Gráfico: Naylla Manenti
Capa: Felipe Libório e Evandro Colzani
Revisão ortográfica: Michelle Vasconcellos

Sou Liberdade e Luta

EM Livraria, Gráfica e Editora LTDA
Rua Dom José de Barros, 17
São Paulo/SP
CEP: 01038 900
Telefone: (11) 3104-0111

www.livrariamarxista.com | www.liberdadeeluta.org | souliberdadeeluta@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizado ou reproduzida sem a expressa
autorização da Liberdade e Luta.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sou liberdade e luta [livro eletrônico] /
organização Chico Aviz , Lucy Dias. --
São Paulo : EM Livraria, Gráfica e Editora,
2021.

PDF

ISBN 978-65-00-32924-7

1. Ciências sociais 2. Liberdade 3. Lutas
4. Marxismo I. Aviz, Chico. II. Dias, Lucy.

21-86341

CDD-300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ÍNDICE

- 05 Apresentação – Evandro Colzani
- 07 O que foi a campanha “Público, Gra-
tuito e Para Todos: transporte, saúde e
educação, abaixo a repressão”?
– Mell Pecóis
- 21 Cinco anos de Liberdade e Luta:
Acampamento Revolucionário 2016
– Mayara Colzani
- 26 Nossas campanhas, nossa história!
– Lucy Dias
- 35 “Abaixo a Ditadura”: a Liberdade e Luta
nos anos 80 e a atual
– Chico Aviz e Pedro Saas
- 43 Liberdade e luta, um passado presente
– Michel Goulart
- 47 A luta pela aliança
operário-estudantil
– Lucas Mendes
- 51 A Importância da teoria
revolucionária
– Hector Gonzaga
- 60 Nosso tempo: derrubar o capitalismo,
construir o socialismo
– Julia Vasconcelos
- 65 Outras referências

APRESENTAÇÃO

– Evandro Colzani

“Apenas o fresco entusiasmo e o espírito ofensivo da juventude podem assegurar os primeiros triunfos da luta e somente ela trará de volta ao caminho da revolução os melhores elementos da velha geração. Sempre foi assim e sempre será”

– Leon Trotsky

No dia 31 de janeiro de 2016, há cinco anos, nascia a Liberdade e Luta, organização que em seu manifesto de fundação declarou seu objetivo de “reunir a juventude em defesa de uma plataforma revolucionária de reivindicações, contra o capitalismo e pela construção de uma nova sociedade no Brasil e no mundo”.

O marxismo nos ensina que a única classe social genuinamente revolucionária no capitalismo é a classe trabalhadora. Apesar de possuir apenas a sua força de trabalho e ser obrigada a vendê-la para garantir a sua própria existência, os trabalhadores são os que tudo produzem: nenhuma lâmpada se acende, nenhuma roda gira sem a permissão da classe operária. O papel que ocupa essa classe na produção capitalista é o que a torna a principal força transformadora.

A juventude cumpre um papel diferente na sociedade capitalista, ela não pertence a uma classe específica, mas pode e deve ser ganha pelos revolucionários para as fileiras da revolução socialista, isto é, para estar ao lado da classe trabalhadora, já que são os jovens que podem dar um impulso fundamental na luta. Como explicou o revolucionário russo Leon Trotsky, “apenas o fresco entusiasmo e o espírito ofensivo da juventude podem oferecer os primeiros sucessos na luta”. A coragem, o entusiasmo, a disposição e o sacrifício são características dos mais jovens e essa força é capaz de arrastar batalhões de operários para o combate, reanimar trabalhadores que desanimaram em algum momento e renovar as fileiras revolucionárias.

Em importantes momentos da História vimos essa força quando, por exemplo, revoluções ocorreram em uma série de países durante o ano de 1968, ano da unidade internacional da luta de classes. França, com a revolução de maio de 68, Itália, Grã-Bretanha, EUA com as lutas pelos direitos civis e pelo fim da Guerra do Vietnã, México e, inclusive, Brasil com as lutas de jovens e operários contra a ditadura militar.

A Revolução Russa de 1917 não apenas contou com a ampla participação de jovens estudantes, operários, camponeses e soldados, mas teve, na sua direção, o Partido Bolchevique, historicamente criticado por seus opositores por ser um partido de “garotos”. Lenin, Trotsky, Sverdlov, Zinoviev, entre outros dirigentes bolcheviques, conheceram o marxismo e o partido com 16, 17, 18 anos. Com essa idade, muitos dos jovens bolcheviques já eram respeitados por operários fabris e camponeses. Lenin via na juventude de seu partido um elemento de força.

Mas esse conjunto de qualidades de um jovem (ânimo, disposição de luta...) podem rapidamente desaparecer se a prática não estiver diretamente conectada com a teoria revolucionária. A maior tarefa de um jovem consiste em aprender, com a História, com a Ciência, com a Literatura, com a teoria marxista e, acima de tudo, com a classe operária.

O marxismo pôde conquistar milhões de corações na classe mais revolucionária “porque Marx se apoiava na sólida base dos conhecimentos humanos adquiridos (...), por ter assimilado plenamente tudo aquilo que a ciência anterior tinha dado” (Lenin. As tarefas revolucionárias da juventude).

Os artigos publicados nessa brochura são um relato dos combates realizados pela Liberdade e Luta nos primeiros cinco anos de existência das campanhas que estão em desenvolvimento. Mas são, ao mesmo tempo, fruto do esforço teórico desses jovens militantes que tentaram compreender cada ataque, cada reivindicação e explicar qual deve ser o papel dos revolucionários que lutam pelos serviços públicos, gratuitos e para todos, contra a Lei da Mordaza (projeto Escola Sem Partido), contra a Reforma do Ensino, por vacina para todos, em defesa das universidades públicas, para citar apenas algumas campanhas da Liberdade e Luta, e pelo socialismo.

A Liberdade e Luta, fundada em uma fábrica ocupada por mais de 15 anos pelos trabalhadores, a Flaskô em Sumaré-SP, reúne em seu entorno esse tipo de juventude, que busca transformar a sociedade, que quer aprender com os livros e com ação cotidiana, que busca enxergar o mundo com os olhos da classe trabalhadora.

Essa brochura é resultado dos cinco anos de existência da Liberdade e Luta, traduzidos em artigos escritos pelos próprios militantes. Nela, a conjuntura que levou a nossa fundação, as Jornadas de Junho de 2013, é contada por meio da campanha “Público, Gratuito e Para Todos: transporte, saúde e educação! Abaixo a repressão!”; nosso acampamento de fundação na Fábrica Ocupada Flaskô em 2016 e desde então, nossas campanhas e as lutas que travamos até aqui. Nossos princípios também estão registrados na brochura: a preocupação com a teoria revolucionária, a práxis da aliança operário-estudantil e a luta irreverente e incansável pela vitória do socialismo internacional.

Há quem pergunte se nós somos a “Libelu” dos anos 80. Nessa brochura explicamos o fio de continuidade que resgatamos com a organização que lançou pela primeira vez e publicamente o combate à Ditadura Militar, bem como nossas diferenças.

Hasteamos nesses cinco anos a bandeira internacionalista de solidariedade entre os trabalhadores de todo mundo e, certos de sua vitória contra a miséria, opressão e exploração capitalista, continuaremos vivendo e lutando por um mundo onde possamos ser realmente livres!

Vida longa à Liberdade e Luta!

O QUE FOI A CAMPANHA “PÚBLICO, GRATUITO E PARA TODOS: TRANSPORTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO, ABAIXO A REPRESSÃO”?

– *Mell Pecóis*

O ano de 2013 marcou um novo período na luta de classes para os trabalhadores e a juventude. As, assim chamadas, “Jornadas de Junho”, manifestações que levaram milhões de pessoas às ruas naquele ano, foram as maiores manifestações no país desde o impeachment de Fernando Collor em 1992.

Inicialmente, seu estopim se deu por causa do aumento no valor das passagens de ônibus, mas elas expressaram muito mais do que insatisfação por causa de R\$ 0,20 centavos. Devido a uma intensa reação do Estado, com a repressão por parte das polícias, deixando mortos, feridos e presos, as manifestações se tornaram massivas, e segundo o Ibope, contaram com 84% da simpatia da população em geral.

Os gritos ouvidos nas ruas eram por “transporte público digno, por educação e saúde públicas” que naquele momento já estavam há anos sendo sucateadas. Cartazes e palavras de ordem pediam pelo fim da repressão do Estado, pelo fim da violência policial e, inclusive, pediam o fim da própria Polícia Militar.

Porém, mesmo com as massas nas ruas naquele ano, o movimento não foi capaz de promover mudanças reais no establishment, mesmo que essas mudanças representassem os sonhos dos jovens que ocupavam as ruas naquele momento.



El País

As Jornadas de Junho e as direções traidoras

Os motivos para que este movimento de massas não tenha sido capaz de transformar nossa realidade foram vários, mas principalmente a falta de uma direção política. Os partidos que tradicionalmente representavam a classe trabalhadora, o PT e o PCdoB, não apenas se opuseram às mobilizações das massas trabalhadoras e da juventude, como partiram para uma ofensiva reacionária, ao elaborarem sua tese de “onda conservadora” a partir destas manifestações. Sua intenção foi conter o movimento para continuar seus acordos dentro dos gabinetes.

A juventude estava confusa por anos de despolitização organizados pelo PT, e pelo vácuo político que esse partido, e a direção do PCdoB no movimento estudantil, deixaram. Assistindo ao PT, por treze anos no governo, fazendo acordos com os patrões e se assemelhando cada vez mais aos partidos burgueses, a juventude não reconhecia o PT como sua direção, mas como parte da ordem. Assim, o PT não conseguiu controlar a juventude, por anos de negligência às suas necessidades, e por isso se virou contra ela, chamando-a de “reacionária”.

Foi daí que iniciou sua tese de “onda conservadora”, que aposta em um crescimento dos ideais liberais entre a população que vem elegendo candidatos conservadores nas eleições. O que não poderia ser mais falso. O histórico de traições de partidos, construídos sobre uma base operária, à independência do movimento da classe trabalhadora e às suas pautas, suas alianças com a burguesia e seu reformismo listam os motivos para que muitos governos de direita fossem eleitos, inclusive Bolsonaro.

Durante o governo do PT, Lula criou em 2004 a Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), com a função de “controlar distúrbios públicos”, aprofundando o investimento no braço armado do Estado que sempre usa a sua força contra a classe trabalhadora. No governo Dilma, foi sancionada a “Lei Antiterrorismo”, que criminaliza os movimentos sociais.

Dilma nomeou Joaquim Levy como seu ministro, e o mesmo fazia defesa de grandes cortes nos serviços públicos e da “Lei de Terceirização”. Apenas essa nomeação mostrou o programa político de pacto com a burguesia e com o imperialismo que seu governo pretendia seguir. Não sendo suficiente, a “pátria educadora” de Dilma (slogan usado em sua campanha presidencial) cortou R\$ 10,5 bilhões da Educação, e não moveu uma palha na questão da legalização do aborto. Esses são poucos exemplos de traições do PT sem contar o governo Lula.

Anos de PT aceitando acordos patronais e cedendo às pressões imperialistas. Era óbvio que as massas trabalhadoras, principalmente a juventude, que não viu esse partido ser fundado, iria desconfiar e rejeitar sua política, denunciando-o como “mais do mesmo”. Inclusive, por isso havia uma porcentagem dos manifestantes que repele o uso de bandeiras de partidos nos atos. Não compreender esse processo de recusa à direção petista e chamar a juventude que ocupava as ruas de “fascista” - a mesma juventude que pedia saúde, transporte, educação, e o fim da corrupção, apenas seus direitos básicos - é de uma canalhice e oportunismo sem tamanho.

Ainda hoje, há organizações que, em nome da defesa do Estado democrático de direito, formam frentes amplas com partidos burgueses e inimigos da classe trabalhadora inescrupulosamente. Vimos isso com a publicação do “Manifesto Estamos Juntos”, no qual Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Fernando Haddad (PT) e Marcelo Freixo (PSOL) “assinaram embaixo”. A luta deles “contra o fascismo” e “pela

democracia” funcionam perfeitamente como desculpa para seus conchavos políticos.

Por isso mesmo, Dilma respondeu ao movimento com um plano de “cinco pactos nacionais” e a proposta de convocação de um plebiscito para desviar as lutas das ruas direto para as instituições. Além da reforma política (mudanças nas regras sobre financiamento de campanhas eleitorais, coligações entre partidos, etc.), o governo queria acalmar a indignação da classe trabalhadora propondo punições mais severas diante da corrupção.

A melhoria no atendimento da saúde proposta pelo governo seria feita perdoadando dívidas de hospitais privados para que eles pudessem atender o SUS; para o transporte, seu plano era desoneração fiscal, para apenas abrir a possibilidade de redução de tarifas; para a educação, a proposta era investir com dinheiro dos royalties da exploração do petróleo, ou seja, aprofundando a privatização do petróleo brasileiro. Nada disso resolvia os problemas profundos apresentados nas ruas pela juventude.



Fonte Domtotal

É necessário também chamar atenção para os problemas com o Movimento Passe Livre (MPL), a principal liderança na convocação contra o aumento da tarifa. O MPL sempre se mostrou avesso a votações, e não socializava as decisões que tomava como direção. Inclusive se recusava a se assumir como dirigente dos atos, quando claramente era assim considerado pelas multidões que o seguia, além de falar que o movimento era apenas de “pauta única”.

Isso porque o MPL tem como princípios “a autonomia, o apartidarismo, a independência e a horizontalidade”. Defende que tudo deve ser decidido com consenso, ou seja, na prática, nada decidido em uma manifestação com vinte mil pessoas. En-

tão, para não comprometer seus métodos, preferia resolver tudo sozinho, sem uma comunicação clara com o restante dos manifestantes, gerando uma confusão generalizada entre as pessoas que às vezes não sabiam nem para onde as passeatas iriam, muito menos se havia encaminhamentos sérios para garantir suas reivindicações. Na terceira grande manifestação, no dia 11 de junho em São Paulo, Caio Dezorzi (2013) relata que:

(...) cerca de 10 mil pessoas se reuniram e começaram a descer a Rua da Consolação sentido Centro, guiados pelo MPL, mas novamente sem saber qual era o objetivo e destino da passeata. (...) Então, começa uma forte chuva. (...) Milhares de manifestantes, molhados, seguiram pelo acesso à Av. Liberdade, passaram pela Praça João Mendes e, quando todos deduziam que a passeata seguiria em direção à prefeitura, o MPL guia a massa para descer a Av. Rangel Pestana em direção ao Terminal Parque D. Pedro. Muitos manifestantes reclamam, pois entendem que o mais consequente a fazer seria ir à prefeitura, que é quem pode ceder à reivindicação central do movimento. Neste ponto, cerca de um terço dos manifestantes abandona a passeata e se dispersa, a maioria se dirigindo já individualmente ao metrô Sé, para voltar para suas casas.¹

Nesse dia cerca de vinte pessoas foram presas. As bombas de gás não teriam dispersado todo o ato, nem assustado dez mil pessoas se a direção fosse clara. Mas, como exigir a resistência da multidão, se ela não sabe para onde está indo e nem o que fará lá? No dia 17 de junho, milhares de pessoas marcharam até o Congresso Nacional em Brasília, e no Rio de Janeiro 100 mil pessoas foram até a Assembleia Legislativa. Mas, chegando no destino (im)previsto, nada acontecia porque o MPL não tinha propostas.

Segundo James Canon, fundador do Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) nos Estados Unidos no final da década de 1930, as “questões de organização e métodos organizativos não são independentes das linhas políticas, mas subordinados a elas”. Esse despreparo e essa recusa em usar métodos de organização tradicionais no movimento operário são frutos de um idealismo do MPL, e do movimento anarquista. O horizontalismo alimenta a ilusão de que é possível, diante de todo o aparato burguês de repressão à organismos representativos da sociedade, alcançar uma organização igualitária e orgânica, mesmo contendo um ecletismo político diante das contradições do capitalismo por parte de seus membros. E por isso que é comum ver surgir no seio desse tipo de organização um tipo de liderança oculta que comanda as coisas por trás das “cortinas democráticas”.

O MPL se opunha ao uso de carros de som e microfones com amplificador, dizendo que essas tecnologias são autoritárias. Mas o autoritarismo está em não decidir as coisas coletivamente. Precisávamos organizar assembleias feitas antes dos atos, levar propostas e experimentar com o voto da maioria, depois avaliar. Essas propos-

1 Dezorzi, C. É preciso organizar o movimento contra o aumento das tarifas para chegar à vitória. Esquerda Marxista, jun. 2013. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/e-preciso-organizar-o-movimento-contra-o-aumento-das-tarifas-para-chegar-a-vitoria/>. Acesso em: nov. 2020.

tas deveriam ser concretas frente aos governos que negavam nossas demandas, como ocupações de prédios públicos, o da prefeitura, ou da secretaria de transportes, por exemplo. Com a deliberação votada nas assembleias, as massas não se dispersariam tão facilmente porque fariam parte da tomada de decisão de forma consciente.

Por mais bem-intencionados que os ativistas do MPL estavam, e mesmo que a juventude e os trabalhadores tenham conseguido segurar o aumento da passagem de ônibus (o que representou uma vitória para o movimento), suas demandas de classe foram desprezadas pelos governos, e não apenas por eles, como também por essas organizações tradicionais e seus dirigentes adaptados.

Mais uma vez, Trotsky estava mais do que certo quando disse que a crise da humanidade é a crise de direção. Pensando nisso, a campanha “Público, Gratuito e para Todos” nasceu com a intenção de responder verdadeiramente às vozes das ruas que, durante o levante massivo da juventude e dos trabalhadores, transmitiam aos brados suas necessidades mais sentidas.

E nos anos seguintes, mais lutas!

Esse intenso movimento das massas brasileiras teve como plano de fundo as revoluções árabes na Tunísia e Egito, o Movimento dos Indignados na Espanha e o Movimento Occupy nos EUA, de apenas alguns anos antes. O povo mostrava seu ânimo para defender a própria vida e seus direitos básicos dos ataques da burguesia, que desejava se recuperar da crise de 2008 às custas dos trabalhadores.

Greves de vários setores da classe trabalhadora e em vários estados brasileiros, como a dos garis em 2014, e a dos professores em 2015, e as ocupações de escolas por secundaristas, chacoalharam as direções das organizações tradicionais. Assim como no caso de 2013, as direções do PT, da CUT, do PCdoB e da UNE, com a sua velha política de reformas e de coalizão com a burguesia, tentaram conter e isolar todo o movimento.

A reeleição de Dilma Rousseff para a presidência em 2014 se deu apenas porque, aos olhos da classe trabalhadora, era o “mal menor” em comparação com seu principal concorrente, o infame Aécio Neves (PSDB). Sua eleição foi a última advertência da classe trabalhadora ao PT, muito porque durante as eleições Dilma prometeu combater o programa de Aécio. Mas em seu discurso de posse já demonstrava que iria cumprir os mesmos acordos com a burguesia que Lula havia prometido em sua “Carta ao Povo Brasileiro”.

A priorização do pagamento da fraudulenta dívida pública, comprometendo assim, quase metade do orçamento anual, ao invés de usá-lo na manutenção dos serviços públicos, definitivamente não ajudou na popularidade cada vez mais prejudicada do Partido dos Trabalhadores (PT) diante da classe que jurava defender.

Mas essa sua submissão aos interesses do capital e a insistência do PT em fazer alianças com a burguesia mais reacionária (vide Michel Temer, do MDB) foi seu “tendão de Aquiles”. Além do partido ser cada vez mais rechaçado pelo movimento da classe trabalhadora e da juventude, uma das consequências foi o impeachment presidencial em 2016.

Tudo isso é importante para entender a falta que faz uma direção revolucionária, com palavras de ordem corretas e um programa revolucionário, em tempos de

convulsão insurrecional.

É também fundamental que façamos uma análise da situação utilizando o método do materialismo histórico elaborado por Marx e Engels. Apenas dessa forma conseguimos nos aproximar de forma científica dos motivos que levaram à criação de uma campanha como a “Público, Gratuito e para Todos”, e posteriormente da necessidade do nascimento da Liberdade e Luta e sua proposta de intervenção na juventude.

Saúde, transporte, educação e abaixo a repressão!

A campanha começou a ser impulsionada ainda em 2013, com a elaboração de um manifesto reunindo as necessidades mais urgentes da classe operária. Tal manifesto foi usado como uma excelente ferramenta de organização e vários comitês de luta começaram a surgir ao seu redor.



Bloco dos comitês no ato de Joinville

Em suas primeiras linhas a exigência era pelo “Passe Livre” e “Tarifa Zero”. Para que todo o transporte fosse gerido pelo Estado, ao invés de abrir concessões às empresas privadas que colocam seus lucros acima da qualidade do serviço. Também exigia o fim do vestibular, pedindo vagas para todos nas universidades públicas:

Queremos o fim dos vestibulares: Vagas para todos nas universidades públicas! Quase 8 milhões de jovens prestaram o ENEM para menos de 400 mil vagas! As cotas raciais não nos servem! Colocam alguns jovens nas universidades públicas, enquanto a maioria esmagadora da população negra

continua fora dela. Não queremos cotas, queremos todos os negros dentro da universidade! Queremos todos os jovens, independente da cor da pele, com os mesmos direitos, nas universidades públicas!²

O manifesto também incluía a defesa da saúde pública, por atendimento de saúde gratuito e abundante para todos. Em tempos de pandemia, nos quais o número de mortes por falta de atendimento médico e leitos nos hospitais apenas cresce, vemos como a organização para a defesa da saúde pública, gratuita e universal é fundamental para a defesa da vida da classe trabalhadora.

E essa defesa passa pela denúncia da dívida pública, e pela exigência do fim imediato de seu pagamento, para que todo o dinheiro necessário vá para a manutenção da saúde, da educação e do transporte públicos.

Em junho de 2013, a cobertura das manifestações pela mídia atraiu a atenção para a brutal reação do Estado contra os manifestantes. Foi o PT que aplicou a “Lei Antiterrorismo”, que permitiu a repressão de manifestantes e ativistas políticos, e também colocou as Forças de Segurança Nacional contra os petroleiros que tentavam impedir o leilão do Campo de Libra. Ainda hoje o Estado acusa manifestantes e dirigentes de “terroristas”, “vândalos” e “ameaças à segurança nacional” baseados nessa lei.

O manifesto exigia a libertação de todos os manifestantes presos e todos os processos contra manifestantes, retirados. E que todas as condenações fossem anuladas: “nenhum ativista preso, nenhum militante político criminalizado”.

A ação dos comitês da campanha

A principal ideia era reunir jovens e trabalhadores em cada escola, em cada universidade e em local de trabalho para lutar pelas palavras de ordem do manifesto que eles mesmos prontamente concordavam, mas também para lutar por melhorias dentro de cada espaço de intervenção.

Como, por exemplo, o comitê formado por estudantes da E.E.B. Dr. Tufi Dippe, em Joinville - SC, que lutava por uma Educação Pública, Gratuita e para Todos em todos os níveis e também por uma resposta do governo estadual para a situação precária das salas de aulas com goteiras. Eram organizadas reuniões regulares que tinham em média dez membros. Esses estudantes pretendiam também reorganizar o grêmio escolar a partir do manifesto da campanha, adicionando à pauta suas exigências referentes à falta de infraestrutura da escola.

2 Campanha Público, Gratuito e Para todos. Manifesto. Disponível em: <https://www.marxis-mo.org.br/publico-gratuito-e-para-todos-transporte-saude-educacao-abaixo-a-repressao/>. Acesso em: 28 Jul. 2020.



Arquivo Pessoal Francine Hellmann

E, como esse problema era generalizado e os estudantes precisavam de soluções concretas, a União Joinvilense de Estudantes Secundaristas (UJES), que era coordenada por militantes da Esquerda Marxista, aderiu à campanha em setembro de 2014, ajudando a criar outros comitês e grêmios. Em sua tese para o 17º Congresso da entidade, intitulado “Público, Gratuito e para Todos! Transporte, saúde e educação! Abaixo a Repressão!”, a UJES declarava a necessidade de conexão “com o movimento dos estudantes que estão dispostos a lutar por seu futuro em Joinville, no Brasil e no mundo todo”.³

Em Franco da Rocha – SP, o comitê de luta da campanha se consolidou a partir da ETEC, e que por meio de uma coleta de assinaturas para o manifesto da campanha com alunos e professores no portão da escola, conseguiu entre dez a quinze membros. O comitê discutiu e organizou sua própria arrecadação financeira, e seu caixa era guardado em um “cofrinho” para as necessidades do dia-a-dia da campanha, como a impressão de panfletos. O grupo se reunia quinzenalmente para discussões políticas e encaminhamentos práticos, como a coleta de assinaturas na praça Caieiras, ao lado da estação de trem, para a apresentação das defesas da campanha com a população de Franco da Rocha.

3 UJES. Tese “Público, Gratuito e Para Todos! Transporte, saúde e educação! Abaixo a Repressão!” 17º Congresso da UJES. Blog da Ujes, nov. 2015. Disponível em: <http://ujesjlle.blogspot.com/2015/11/tese-publico-gratuito-e-para-todos.html?m=1>. Acesso em: nov. 2020.



Arquivo Pessoal Lucy Dias - Comitê Franco da Rocha

Em Criciúma, Santa Catarina, a campanha chegou a reunir cerca de 40 pessoas, e a maioria dos membros eram estudantes da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Os jovens organizaram um ato contra o aumento da passagem de ônibus na cidade, com uma passeata e fechando o terminal de ônibus para exigir passe livre da prefeitura. Também organizaram outra manifestação dentro da universidade, colando cartazes pela sua federalização, luta fundamental na defesa da Educação Pública, Gratuita e para Todos.



Arquivo pessoal Ketellin Dagostin - Comite Criciúma Unesc

A campanha também teve intervenção no Instituto de Artes da UNESP (IA-UNESP) que reunia jovens para o debate sobre a arte e seu papel na sociedade, além de discutir por que precisamos derrotar o capitalismo.

Em 2014, a campanha convocou um ato⁴ contra o aumento da passagem de ônibus proposta, em São Paulo, pelo então prefeito Fernando Haddad. Também começaram os preparativos para o 1º Acampamento Revolucionário que aconteceria em janeiro de 2015, na fábrica ocupada pelos trabalhadores Flaskô, em Sumaré - SP.



Divulgação 1º acampamento revolucionário

Como toda a organização dos comitês era financiada por seus próprios membros e apoiadores, a juventude deu exemplos de como garantir a independência financeira e política da campanha, fazendo rifas, eventos, etc. Os comitês de Joinville organizaram uma festa para arrecadar e garantir a ida dos jovens ao acampamento, que foi um sucesso. Atraiu jovens de toda a parte do país, além de convidados internacionais, todos trazendo a experiência do movimento estudantil e operário de sua região.



Festa vermelha Jville 2014

4 Campanha Público, Gratuito e Para todos. Pela retomada da luta por Educação Pública e Gratuita para todos! Contribuição ao debate do 54º Congresso Nacional da UNE. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/a-campanha-publico-gratuito-e-para-todos-vai-ao-congresso-da-une/>. Acesso em: 29 Jul. 2020

Combate nacional pela educação pública

Já em junho de 2015, a campanha foi ao 54º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) defender uma Educação Pública, Gratuita e para Todos. Desde os anos 90, com a UJS na direção, a UNE parou de reivindicar vagas para todos nas universidades, passando a defender a regulamentação do ensino pago. Isso significa o abandono da luta em troca de reformas que não pretendem mudar o sistema, se contentando com o FIES, o PROUNI e com o dinheiro público indo para o bolso dos empresários da educação.



Arquivo Esquerda Marxista - Conune

O texto de contribuição da campanha “Público, Gratuito e para Todos” para o congresso da UNE levantava a importância do resgate pela defesa de vagas para todos:

A reivindicação adequada, que traduz os anseios dos filhos da classe trabalhadora de todo o país e que a UNE deve retomar, é de “Educação Pública e Gratuita para todos em todos os níveis”! Nenhuma criança fora da escola, nenhum jovem fora da universidade, nenhum brasileiro analfabeto! E que o Governo se vire para bancar isso, não importando qual porcentagem do PIB isso represente (mas sabemos que é mais do que 10% – cerca de R\$ 400 bilhões). O Estado deve garantir o direito de todos os cidadãos à educação em todos os níveis!⁵

Em agosto daquele ano, a campanha estava mais uma vez empenhada em defender a educação pública em meio aos cortes no orçamento da pasta. O Congresso tam-

5 Campanha Público, Gratuito e Para todos. Pela retomada da luta por Educação Pública e Gratuita para todos! Contribuição ao debate do 54º Congresso Nacional da UNE. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/a-campanha-publico-gratuito-e-para-todos-vai-ao-congresso-da-une/>. Acesso em: 29 Jul. 2020.

bém procurava a aprovação da redução da maioria penal de 18 para 16 anos. O que significava “reduzir escolas e aumentar presídios”. O desemprego entre os jovens estava em números alarmantes (acima de 20%), o acesso à educação estava sendo atacado mais uma vez, e a privatização do sistema carcerário estava em vista.

A estratégia dos capitalistas ainda é a mesma: jogar a juventude trabalhadora na barbárie, encarcerá-los para resolver o problema do excedente de mão de obra de um mercado em baixa e ainda tirar dinheiro disso. Em um panfleto combativo⁶ da campanha para os atos do dia do estudante e distribuição nas escolas, relacionou-se esses dois ataques da burguesia, informando que tudo isso era causado porque os lucros deles estavam acima da vida das pessoas.

Os militantes da campanha também levaram uma tese ao 41º Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), fazendo o combate pela educação pública. Tal luta foi abandonada pela direção da UBES, que defendia incondicionalmente o governo federal (Dilma e seus cortes), ignorando a realidade das escolas públicas no Brasil cada vez mais sucateadas.

O maior movimento secundarista aconteceu também em 2015, com 220 escolas ocupadas contra a “reorganização” de Geraldo Alckmin (PSDB), governador do estado de São Paulo no período. Por “reorganização” podemos entender “fechamento de escolas” e “demissão”, um verdadeiro ataque aos estudantes e trabalhadores da educação.

As ocupações foram vitoriosas pois conseguiram o pronunciamento do Governador dizendo que não haveria mais “reorganização” em 2016. A campanha “Público, Gratuito e para Todos” estava presente e dialogando com os estudantes, trazendo as pautas transitórias da classe trabalhadora e apontando a direção: a construção de um movimento mais amplo de tomada de decisões em todas as escolas ocupadas; a organização para além das ocupações, para a construção de uma organização que combatesse Alckmin e o capital; e contra a repressão dos estudantes, a demissão dos professores e o fechamento das escolas de forma permanente.

A derrota histórica do governo burguês de Alckmin alcançada com as ocupações em São Paulo foi “ponta de lança” para as ocupações de escolas em vários estados brasileiros em 2016. A Liberdade e Luta já havia nascido, e combateu juntamente a esses estudantes contra o ataque dos governos à educação e contra a «Lei da Mordça».

Na defesa da palavra de ordem “Público, Gratuito e Para Todos”

É importante destacar que a palavra de ordem que dá nome a campanha tem como base o materialismo histórico. Ou seja, se fundamenta na realidade concreta da classe trabalhadora e suas necessidades legítimas. Diferentemente da palavra de ordem levantada com oportunismo por conciliadores de classe: “público, gratuito e de qualidade”. De longe pode parecer que essas duas exigem o mesmo. Mas analisando

6 Campanha Público, Gratuito e Para todos. É um tempo de guerra, é um tempo de revolução! Esquerda Marxista, ago. 2015. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/e-um-tempo-de-guerra-e-um-tempo-de-revolucao/>. Acesso em: nov. 2020.

do mais profundamente, vemos que não é assim que funciona, nem na teoria ou na prática.

Na maioria dos casos a exigência da “qualidade” vem atrelada às demandas de reformistas, que desistiram do acesso universal, ou mesmo da direita, e se contentam com um serviço prestado tanto por empresas privadas quanto públicas, desde que sejam satisfatórias. Nesses casos, o conceito “qualidade” usado por eles não tem valor material, e sim subjetivo, e está relacionado com percepções individuais.

Se, por exemplo, uma universidade privada afirma que seu serviço é legítimo porque, para os moldes capitalistas, seus números de aprovação são positivos, ela pode afirmar que os serviços prestados por ela são de qualidade. Então, para os estudantes que estudam lá e são bolsistas, isso tudo encerraria a questão da luta pelo acesso à educação superior universal? Não! E é por isso que uma palavra de ordem correta deve apontar para uma direção revolucionária que combata a verdadeira raiz do problema.

O “público, gratuito e para todos” nunca deixou de ser usado em todas as nossas lutas por serviços públicos, mesmo depois do nascimento da Liberdade e Luta, no qual a campanha foi incorporada. Essa palavra de ordem determina a direção para uma saída fora desse sistema, onde a batalha se dá pelo acesso irrestrito ao transporte, à saúde e à educação públicos. A luta para que todos esses serviços sejam prestados pelo Estado também é essencial para levantar a bandeira pelo não pagamento da dívida, porque dinheiro tem de sobra, só precisa ser direcionado para o que a classe trabalhadora precisa.

Lutar por qualidade pode levantar confusões para o movimento de classe, se não for muito bem explicado. A luta para os serviços serem públicos, gratuitos e para todos direciona a classe ao entendimento de que qualidade não é possível no capitalismo, pois significa ir contra colocar o lucro na frente. Significa estatização, federalização, controle operário, e por fim, revolução.

Abaixo o capitalismo!

Todas essas questões acima levantadas podem ser trabalhadas dentro de uma pauta republicana, ainda no capitalismo, como o acesso aos serviços públicos, pelo fim da Polícia Militar e contra a repressão. Mas a campanha também levantava a indispensável tarefa de acabar com o capitalismo para construir um novo mundo. O último parágrafo do manifesto falava em “erguer um mundo de liberdade, um mundo de fraternidade, um mundo de igualdade, um mundo socialista onde não exista nem opressão e nem exploração”⁷.

Junho de 2013 foi apenas uma amostra do ânimo da classe trabalhadora. A crise atinge todos os países, o desemprego cresce, e antes da pandemia o sistema de saúde já estava em colapso. Toda essa situação abre uma possibilidade de uma revolução mundial pois a classe trabalhadora não está disposta a morrer de fome ou nas filas de hospitais. Em 2019 tivemos uma onda revolucionária varrendo o mundo e afetando

7 Vídeo da campanha Público, Gratuito e Para Todos: Saúde, Transporte e Educação! Abaixo a Repressão!, disponível em: <https://www.marxismo.org.br/video-da-campanha-publico-gratuito-e-para-todos-transporte-saude-educacao-abaixo-a-repressao/>. Jan. 2015.

no mínimo 24 países, com exemplos do que a classe é capaz, sendo Iraque, Hong Kong, Sudão, Argélia, Chile, entre outros.

Em 2020, manifestações históricas massivas explodiram nos Estados Unidos em plena pandemia, causadas por anos de opressão, exploração e de violência contra os trabalhadores. A gota d'água foi o assassinato de George Floyd pela polícia. A espontaneidade dos atos dificultou as organizações tradicionais de conterem o movimento.

Os marxistas devem estar atentos e preparados. Os ventos estão mudando e levando o fogo do ânimo da classe trabalhadora e da juventude a queimar e a aquecer todo o mundo. Cabe aos revolucionários, armados da teoria e das palavras de ordem corretas, direcionarem as chamadas contra o capitalismo, para acabar com ele de uma vez por todas.

Continuamos nossa luta por serviços Públicos, Gratuitos e para Todos e pelo fim da repressão à juventude e ao movimento de classe. No dia 31 de maio desse ano a Liberdade e Luta organizou o Encontro Nacional Online pelo Fora Bolsonaro, com cerca de 300 jovens inscritos. Nele, aprovamos unanimemente o manifesto “Dinheiro para a educação, transporte e saúde! Fim do pagamento da dívida pública! Fora Bolsonaro, por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais”, apontando sempre o sentido das lutas nas ruas, lutando ombro a ombro com a juventude e com a classe trabalhadora.

Além disso, também temos organizado uma campanha contra o “orçamento de guerra” contra o povo que Bolsonaro levou ao Congresso para o ano de 2021; pela devolução imediata dos R\$ 4,2 bilhões do orçamento da Educação; contra o corte de 12,13% da Saúde e de 27,71% da Ciência; pelo direito ao isolamento durante a pandemia; e pelo “fora Bolsonaro”, por meio de um abaixo-assinado. Usamos dessas ferramentas para avançar na batalha contra esse governo inimigo da juventude e da classe operária, e contra esse sistema. Venceremos!

CINCO ANOS DE LIBERDADE E LUTA: ACAMPAMENTO REVOLUCIONÁRIO 2016

– *Mayara Colzani*



Arquivo EM

Foi na fábrica gerida pelos trabalhadores, a Flaskô em Sumaré-SP, que nasceu a Liberdade e Luta, em 31 de janeiro de 2016, e desde o primeiro dia de sua existência esteve presente em todas as lutas em defesa dos jovens e da classe trabalhadora do Brasil e do Mundo.

Dezenas de jovens de todo o país participaram do acampamento de maneira completamente autofinanciada. Na construção do acampamento, todas as delegações levaram um combate de arrecadação coletiva durante meses para conseguir pagar sua taxa de inscrição e transporte, fizeram marca-páginas, camisetas e *bottons* para vender para ajudar nos custos da viagem. A preparação do acampamento envolveu colagem de pôsteres nos postes das cidades, nossa participação no Congresso da União Nacional dos Estudantes daquele ano e atividades locais para arrecadação e discussão política. Chamamos os jovens, com quem conversávamos, “Para ajudar um mundo novo a nascer” e explicávamos em panfleto sobre os movimentos de massa naquele momento – das revoluções árabes da Tunísia e Egito ao Movimento dos Indignados da Espanha e Movimentos *Ocuppy* nos EUA, entre outros – e a importante tarefa de se dedicar a transformação revolucionária do mundo!

1º dia (28/01/2016)

Assim que as delegações desciam dos ônibus de todo o país, elas se credenciavam e montavam as barracas. Acampamos em um dos galpões da Flaskô, espaço que estava abandonado antes da ocupação da fábrica e que foi reutilizado pelos trabalhadores para atividades culturais e esportivas.



Arquivo Pablo Bailoni

Em seguida, participamos de uma visita guiada à fábrica, onde trabalhadores da Flaskô e o camarada Alexandre Mandl, advogado do Movimento das Fábricas Ocupadas, nos mostraram o funcionamento de uma fábrica sob controle operário; a história do movimento; a importância da aliança operário-estudantil e da luta dos trabalhadores em defesa dos postos de trabalho; e os ganhos do controle democrático e operário para a vida dos trabalhadores. Também foram realizados informes sobre as dificuldades, sobre o estrangulamento realizado pela burguesia, os ataques, a intervenção federal na Cipla e a tentativa de intervenção na Flaskô. Em tempos nos quais os trabalhadores da Ford são demitidos em massa com o anúncio do fechamento da fábrica, a alternativa da ocupação de fábrica é colocada novamente na ordem do dia e a Liberdade e Luta tem o orgulho de ter se conectado com essas experiências tão ricas e fundamentais, logo em sua fundação.

No primeiro dia, os trabalhos foram iniciados pela mesa de abertura com convidados, sendo estes de outras organizações e convidados internacionais. Assim, a chama do acampamento revolucionário se acendia. Em seguida, a Festa Vermelha, um momento para relaxar e para as delegações se conhecerem, relaxarem e trocarem experiências!

2º dia (29/01/2016)

No segundo dia, contamos com duas mesas. Uma com o panorama das lutas da juventude no mundo, onde os convidados da Colômbia, Argentina, México, Venezuela, Itália e Inglaterra trouxeram as lutas e a situação política em seus países, assim

como um panorama geral das lutas no mundo inteiro, marcando o internacionalismo que constitui um dos pilares fundamentais da Liberdade e Luta.

Ainda nesse mesmo dia, discutimos o Programa da Revolução no Brasil, aprofundando a análise internacional para as condições concretas do Brasil sob a bandeira da campanha “Público, Gratuito e Para Todos: transporte, saúde e educação! Abaixo a repressão!”. Para fechar o segundo dia, tivemos um sarau com poetas e poetisas convidados.



Mesa de abertura - Mayara Colzani

3º dia (30/01/2016)

No terceiro dia, tivemos a mesa “Capitalismo e Machismo, a luta pela emancipação da mulher,” que discutiu uma posição marxista para a luta das mulheres trabalhadoras, com as bandeiras de transição e de mobilização, a partir dessa luta rumo ao socialismo. Também organizamos Grupos de Trabalho (GT) com jovens militantes para debater o movimento estudantil secundarista, universitário e a intervenção em movimentos sociais. Ao final das discussões, os próprios jovens apresentaram as decisões do GT, com atividades práticas, para que se organizassem em seus locais de atuação, após o acampamento. Nos Grupos de Trabalho, o destaque dos debates foi a troca de experiências sobre a ocupação das escolas do estado de São Paulo, contra a reorganização escolar do governo Alckmin, o que na época desencadeou as ocupações por todo o país.



Arquivo Bruna dos Reis

Entre as diversas atividades culturais que aconteceram durante o Acampamento Revolucionário, os militantes se emocionaram com a apresentação das letras e contextos de hinos revolucionários de diversos países. Moradores da Ocupação Vila Soma, de Sumaré, cidade onde aconteceu o acampamento, participaram da atividade apresentando músicas e gritos de guerra do movimento que luta por moradia. Para fechar a última noite do acampamento, tiveram as apresentações teatrais: “A Exceção e a Regra”, da Cia Estável e “Furdunço no Casamento de Marieta”, de Danilo Cavalcanti, Kely de Castro e Vinicius Camargo.

4º dia (31/01/2016)

No último dia, a plenária final do Acampamento Revolucionário trouxe a tarefa clara de fundar uma nova organização revolucionária de juventude e apresentou o Manifesto de Fundação da Liberdade e Luta. Em nosso manifesto, declaramos que lutamos pela liberdade, e que ser livres é tudo o que queremos. Mas também deixamos claro que temos consciência de que não é possível ter liberdade de fato num mundo capitalista. Desejamos um mundo onde sejamos socialmente iguais e individualmente diferentes, vivendo em liberdade. Falamos bem alto que nós sonhamos, mas que também lutaremos permanentemente para tornar nossos sonhos, realidade.

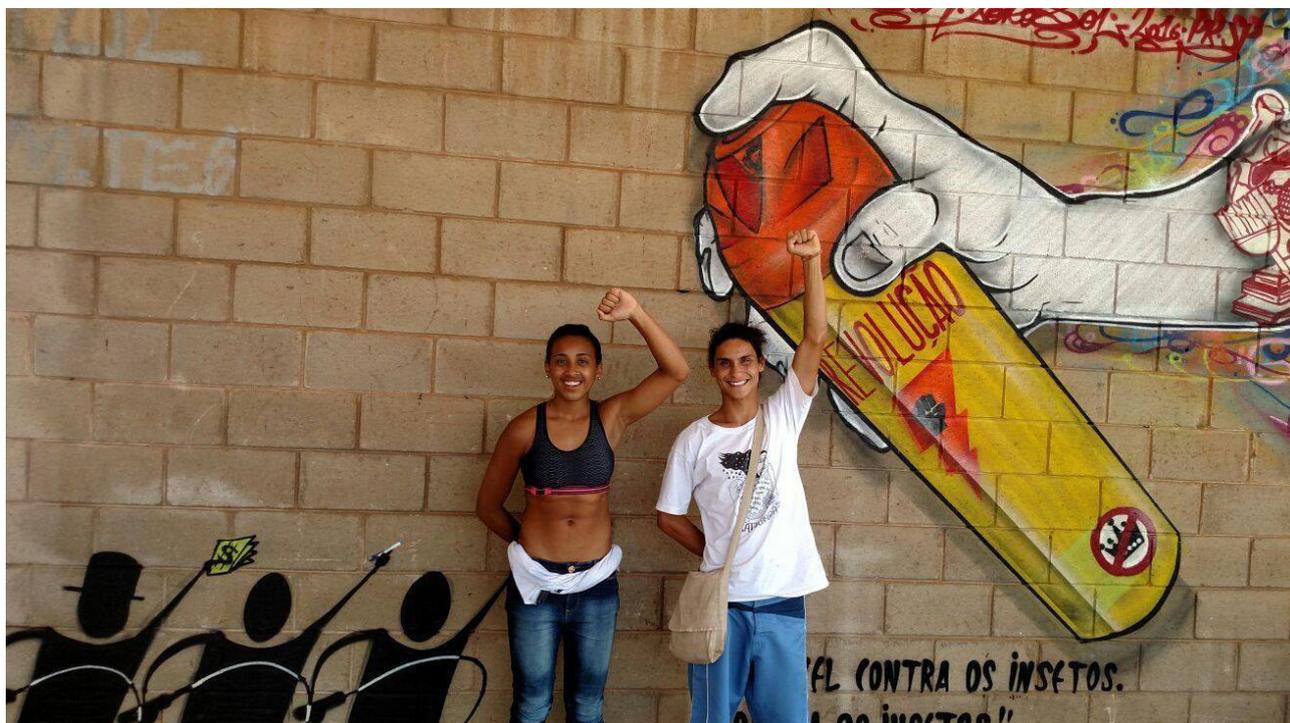


Arquivo Serge Goulart - Homenagem a Rosa e Karl

A Liberdade e Luta é um desenvolvimento direto da campanha nacional “Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde, Educação! Abaixo a Repressão!”, uma campanha nascida das Jornadas de Junho de 2013, que trouxe como um de seus principais eixos a luta contra a repressão, contra a criminalização dos movimentos sociais, por liberdade de expressão, organização e de manifestação; que levantou as bandeiras do passe livre estudantil e tarifa zero em todo o transporte público, saúde pública e gratuitos para todos, educação pública e gratuita para todos em todos os níveis. Sempre colocando a necessidade do fim do pagamento da dívida pública brasileira, interna e externa, o que disponibilizaria mais de R\$ 1 trilhão por ano para suprir essas demandas, mas que é paga todos os anos para engordar os bolsos de banqueiros e sanguessugas do mercado financeiro

A pandemia trouxe uma grande dificuldade para seguir com a nossa tradição de realizar Acampamentos Revolucionários nas férias de verão. Temos realizados encontros nacionais e encontros regionais *online* para agrupar e organizar jovens em diversos locais e seguir com a luta em defesa das bandeiras fundamentais, bem como a luta pelo socialismo.

Todas essas discussões marcaram profundamente o que é a Liberdade e Luta, hoje, cinco anos depois! Nossa principal luta no momento atual é para pôr abaixo o governo Bolsonaro e abrir uma perspectiva socialista para a juventude e para os trabalhadores! Agora, mais do que nunca, relembramos: “A Liberdade é nossa meta, a Luta é nosso método!”.



Arquivo Patrycia Ferreira

NOSSAS CAMPANHAS, NOSSA HISTÓRIA!

– *Lucy Dias*



Reprodução

A Liberdade e Luta, já em seu manifesto de fundação, deixou claro que a “Liberdade é sua meta e a Luta é seu método”. Lutamos por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres, mas sabemos que sob o capitalismo esse mundo não é possível e por isso a nossa luta por melhores condições de vida, estudo e trabalho precisa se combinar com a defesa intransigente de uma sociedade socialista, que coloque a ciência, a tecnologia e a indústria para atender as necessidades humanas e libertar nossas capacidades físicas e intelectuais acima da luta individual pela sobrevivência. Por isso, as campanhas que desenvolvemos são a base de nossa luta e da nossa história!

“Público, Gratuito e para todos: transporte saúde e educação, abaixo a repressão!”

A Liberdade e Luta nasceu da campanha “Público, Gratuito e para Todos: transporte saúde e educação, abaixo a repressão!”. Uma campanha que se baseava em um abaixo-assinado direcionado a presidência da república, com uma série de demandas políticas, sendo a principal, o fim do pagamento da dívida pública e a destinação de todo o dinheiro necessário aos serviços públicos de saúde, educação e transporte e pelo fim da repressão aos ativistas e movimentos sociais. Essa campanha surgiu em 2014 como resposta às demandas que as ruas colocaram nas Jornadas de Junho de

2013, a partir das lutas contra o aumento das tarifas dos transportes e pelo Passe Livre.

Seus apoiadores se agrupavam em Comitês Público, Gratuito e para Todos e nele organizamos a confecção de faixas, cofrinhos para arrecadação financeira, impressão de materiais, discussões políticas, ações de divulgação do abaixo-assinado e coletas de assinatura em escolas, universidades, bairros e fábricas. Essa campanha ficou vigente de 2014 a 2016, organizou diversos ativistas e coletou centenas de assinaturas em seu abaixo-assinado. Em janeiro de 2016, convocamos o 1º Acampamento Revolucionário, que contou a presença de cerca de 200 pessoas, dentre eles dezenas de estudantes secundaristas que fizeram parte dos movimentos de ocupação das escolas em 2015, contra a reorganização escolar. Nesse acampamento realizado na Fábrica Ocupada Flaskô, fundamos a Liberdade e Luta.

Abaixo a Lei da Mordação!

A Liberdade e Luta praticamente nasceu combatendo a ONG Escola Sem Partido e seu projeto de lei que buscava calar professor e estudante em sala de aula. Nosso primeiro artigo de combate foi lançado em 09/05/2016 assinado por Maritania Cargom, professora da rede pública de Joinville-SC e Evandro Colzani, coordenador nacional da Liberdade e Luta sob o título “A lei da mordação. O significado histórico e nosso combate.”. Esse texto dava o passo inicial para a compreensão da “Lei da Mordação” e porque era - e é - nosso dever combatê-la. Foi com ele também que cunhamos o apelido “Lei da Mordação” ao projeto de lei da ONG Escola Sem Partido. Em 25 de junho do mesmo ano, convocamos um Ato Nacional contra a Lei da Mordação para seguir a impulsão da campanha com jovens de diferentes cidades do Brasil, na sede da Associação de Professores da PUC em SP, onde realizamos diferentes discussões ao longo de um dia de discussões.



Reprodução

Tivemos uma importante vitória da campanha em Campo Grande - MS onde derrotamos a votação do projeto de lei, mobilizando estudantes e professores da região e o mesmo em Joinville-SC. Muitas lutas locais e artigos foram desenvolvidos nessa campanha e os relatos delas podem ser encontradas em nossa página web. A “Lei da Mordação” foi finalmente arquivada por falta de apoio popular em 2018. No

entanto, ressurgiu como pilar da campanha de Bolsonaro e, contra ela e Bolsonaro, novamente nos levantamos. Apesar de ter sido arquivada nacionalmente, isso não significa que esteja descartada pela classe dominante e continuamos prontos para o combate. Nosso acúmulo teórico contra a “Lei da Mordaça” foi concentrado na produção de uma brochura, que pode ser lida online aqui.

Abaixo a Reforma do Ensino Médio!

No dia 26 de setembro de 2016 foi aprovada a MP 746 do governo Temer, a “Reforma do Ensino Médio”. Como nós explicamos naquele momento, a reforma do ensino é o ataque mais duro que a educação básica e a escola republicana (pública, gratuita e universal) já sofreu em toda sua história no Brasil. Essa reforma, contraditoriamente ao seu nome, atinge todo o sistema educacional, no curto prazo, o ataque é ao Ensino Médio, mas a longo prazo também no fundamental e universitário. Seu objetivo central é a privatização de todo o sistema de educação como o conhecemos hoje. O pontapé inicial dessa campanha foi o artigo Reforma do Ensino: o fim da escola pública, gratuita e para todos. E nele apontamos as nossas tarefas frente a essa situação: “é dever das entidades sindicais organizar a discussão, convocando professores, juventude e todos os demais trabalhadores para a luta, nacionalmente. Debates e atividades devem ser organizados para explicar todas as consequências desse projeto retrógrado. Apoiamos firmemente as manifestações e ocupações de escolas que se desenvolvem pelo país, protagonizadas pela juventude. Essa contrarreforma só será derrotada com uma luta de massas. É preciso organizar uma greve nacional dos milhões de trabalhadores em educação e estudantes brasileiros para enterrar esta reforma”.

E já no dia 09/10/2016 estivemos nas ruas junto com milhares de jovens contra esse ataque. Nas ruas de Curitiba, no Paraná, cerca de 5 mil estudantes se reuniram na Praça Santos Andrade no que ficou conhecido como a “Marcha dos Secundas” e eles protestavam contra a PEC 241 e contra a “Reforma do Ensino Médio”.

Escrevemos panfletos para distribuir em manifestações contra a PEC 241 e a reforma do ensino, onde colocávamos de maneira muito clara que essa luta precisava estar combinada com a luta em defesa da educação pública, gratuita e para todos, fim do pagamento da dívida pública e pelo “fora Temer e o Congresso Nacional”, que foi nosso principal eixo político sob esse governo, apontando que não era suficiente remover Temer, mas pôr abaixo todo o congresso podre que aprova e negocia o dinheiro público em seu próprio benefício.

Naquele mesmo mês, os estudantes paranaenses começaram um processo de ocupação de escolas contra a reforma do ensino. E nós acompanhamos e intervimos nessas ocupações, ajudando os estudantes em seu processo de ocupação, levando a experiência dos movimentos do ano anterior e do Movimento das Fábricas Ocupadas.



Reprodução

Realizamos debates para explicar a gravidade do ataque e como ele muda totalmente a escola como a conhecemos, para pior. Um deles ocorreu em Joinville-SC em parceria com a APROFEJ em 18/10/2020. Em seguida, uma semana de resistência contra a reforma do ensino foi organizada nessa mesma cidade, que terminou um ato que reuniu cerca de 400 pessoas.

Um poderoso movimento de ocupação e paralisação de escolas e universidades ocorreu naquele ano e nós apontávamos a necessidade da unificação desses movimentos em uma poderosa greve nacional da educação contra a reforma do ensino e contra a PEC 55, que devia ser mobilizada e organizada pelas centrais sindicais dos professores e dos estudantis. Mesmo com ampla resistência dos estudantes, a reforma foi sancionada pelo congresso e depois por Michel Temer e tem sido aplicada desde então.

Redução não é solução!

Em 2017 uma outra grande ameaça à juventude ressurgiu dos grandes debates de 2015: a redução da maioria penal de 18 para 16 anos. Contra ela, nos levantamos com a campanha “Redução não é solução!”. Nela, apontamos a necessidade de ter mais salas de aula e menos jaulas, uma maneira de dialogar com o grandioso movimento contra a reorganização escolar e a reforma do ensino médio. Explicamos que

A juventude precisa estudar a história, entender a sociedade que vivemos e construir organização e resistência. Vivemos um tempo de polarização social: se a ofensiva cresce, também cresce o ódio da maioria contra o sistema capitalista. Nossa tarefa, nas palavras do camarada Pedro Soares, é ‘politizar o ódio e canalizar a indignação’. Diferente do que diz a mais recente música dos Tribalistas, não ‘somos um só’ e, que bom, estamos percebendo isso e nos posicionando politicamente.

Felizmente a proposta de redução da maioria penal não foi aprovada e seguimos combatendo-o por um futuro de felicidade, cultura, lazer e conhecimento para toda a juventude.

Marielle presente, investigação independente!

Marielle Franco, vereadora do PSOL-RJ, e Anderson Gomes, foram executados no dia 14 de março de 2018, uma execução escandalosa que comoveu internacionalmente. Marielle denunciava as incursões da PM nos morros e favelas do RJ e os assassinatos que eles cometiam contra jovens e trabalhadores. Naquele momento, o Estado do RJ estava sob intervenção com tropas federais nas ruas, aterrorizando a todos com suas incursões. Grandiosas manifestações em repúdio foram realizadas e grande questão que se colocou foi “Quem mandou matar Marielle?”.



Reprodução

Intervimos nessas manifestações e lançamos uma campanha internacional “Marielle Presente, Investição Independente”. Para nós estava claro, como ainda está, que a condução das investigações pelas instituições burguesas não levaria a encontrarmos os verdadeiros responsáveis, não só quem a executou, bem como quem encomendou sua execução. Apoiamos e divulgamos o manifesto internacional “Justiça para Marielle”, mas também realizamos um abaixo-assinado pelo o fim da intervenção militar no RJ e pelo “fora Temer e o Congresso Nacional”, colocando a necessidade de que a investigação fosse conduzida de maneira independente. Esse abaixo-assinado foi importante para organizar jovens indignados com a execução, apontando uma perspectiva de luta. Coletamos assinaturas nas portas das escolas, universidades e locais de trabalho e, aos 60 dias da execução e ainda sem nenhuma resposta, organizamos atividades para discutir a importância da campanha por justiça para Marielle para todo o movimento operário e estudantil.

Dois anos após a execução, continuamos sem saber quem mandou matar Marielle e Anderson, a justeza de uma investigação independente impera nesses dois anos de silêncio. Embora aqueles que a executaram tenham sido presos, ficou evidente o envolvimento de Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz com a família Bolsonaro. Ronnie morava ao lado da casa de Bolsonaro, por exemplo. A isso, o movimento nas ruas respondeu “Quem mandou o vizinho do presidente matar Marielle?” e enquanto a questão não for respondida, continuaremos a exigir uma investigação independente que vá até as últimas consequências, expondo e punindo os verdadeiros responsáveis por encomendar a execução de Marielle!

Fora PM das Escolas!

A Liberdade e Luta nasceu defendendo o “FIM das polícias”. Não a reforma, não a desmilitarização, mas o fim das polícias que nada mais são do que o braço armado do Estado para defender os interesses da classe dominante. A presença da PM nas escolas é brutal, o que vemos circulando como “ronda escolar” com o suposto objetivo de combater o tráfico de drogas ao redor nas escolas, na verdade, serve mesmo para aterrorizar a juventude e reprimi-los. Vimos isso muito claramente com o enforcamento de estudante, com disparos de gás de pimenta no pátio, com um PM empurrando uma garota com uma arma calibre 12. E TUDO ISSO DENTRO DAS ESCOLAS! Esses acontecimentos se deram em escolas públicas de bairros pobres, proletários, deixando evidente o caráter de classe da polícia. Diante disso, e do projeto do governo Bolsonaro de militarizar as escolas, lançamos a campanha “Fora PM das Escolas!”.

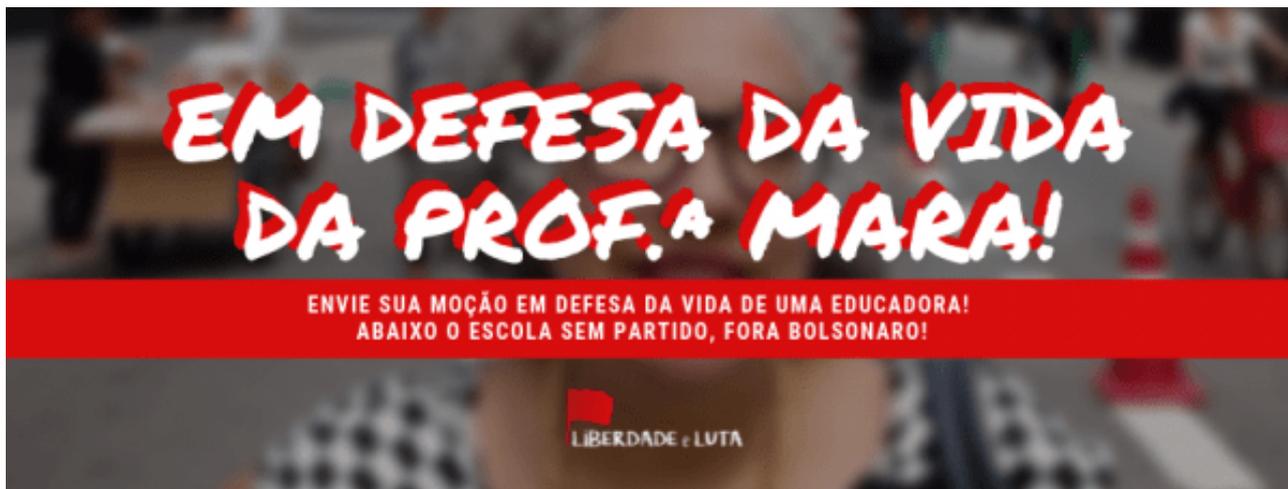
Essa campanha segue em curso contra a militarização das escolas, contra a presença de polícias no interior das escolas, contra a repressão e pelo FIM da PM!

Em defesa da vida da Prof.^a Mara!

Em abril de 2019, a Prof.^a Mara Cristina Gonçalves da Silva do Centro Paula Souza na ETEC de Franco da Rocha-SP, tomou conhecimento a respeito de um grupo de estudantes intitulado “Viva a Revolução! Morte à Mara”, existente desde fevereiro de 2018. O grupo era composto por todos os estudantes do segundo ano de uma das salas onde ela leciona História. Diante disso, a Liberdade e Luta lançou a campanha “Em defesa da vida da Prof.^a Mara! Abaixo a perseguição política, pedagógica e as ameaças contra sua vida!”.

Essa campanha exige a transferência compulsória dos cinco estudantes que escreveram “Morte à Mara” no, então, existente grupo de *WhatsApp*. No entanto, a primeira exigência que realizamos junto a direção da escola foi negada, a direção da escola somente aplicou uma advertência oral e escrita, mesma medida disciplinar para um estudante que frequentar a escola sem uniforme, demonstrando um completo descaso ao ocorrido, que além de conter uma ameaça de morte, ainda exibia requintes de orientação neonazista! Respondemos a isso, aumentando nossa organização e chamamos o lançamento do Comitê em defesa da vida da Prof.^a Mara, que contou com a participação de ex-alunos da professora, trabalhadores dos transportes, trabalhadores terceirizados dos serviços sociais, além de diversos outros professores. Nessa ocasião a professora Mara fez uma resposta pública aos acontecimentos de então, deixando clara a conexão da campanha em defesa de sua vida e a luta pelo Fora Bolsonaro, uma vez que toda as falas de perseguição de Bolsonaro aos “vermelhos” e à Esquerda, todo o lixo reacionário de seu discurso fez com que a escória se sentisse mais confortável para levantar a cabeça e realizar ameaças como essa. A partir dessas ações e da moção inicial, conseguimos uma primeira vitória parcial, que foi a apuração do caso pelo Centro Paula Souza, no entanto, essa apuração concluiu que as ações tomadas pela direção da escola foram adequadas e que não havia evidências suficientes de que os estudantes chegariam às vias de fato nas ameaças que realizaram. À isso, respondemos com uma nota e moção de repúdio, expressando que a decisão e justificativas dadas pela comissão de apuração com o aval da superintendente do Centro Paula Souza eram totalmente insuficientes, pois além de ainda manter os estudantes que ameaçaram a professora na mesma unidade de ensino que a mesma,

portanto, deixando em risco sua vida, ainda ocultaram as informações do processo de apuração e culpavam a vítima!



Reprodução

Explicamos qual a relação do conteúdo dos *prints* com o nazismo e a luta pelo “fora Bolsonaro” no artigo de formação “O que é nazifascismo e a Campanha em Defesa da vida da Prof.ª Mara”.

E em maio de 2020 o caso teve um passo muito importante: o crime foi devidamente reconhecido pela Justiça e os estudantes agressores foram condenados, em sua maioria, à uma pena socioeducativa. Conforme o Despacho - Mandado processo Nº 1501205-17.2019.8.26.0198, datado de 26 de maio de 2020, trata-se de acusação por ato infracional (art. 103, ECA) análogo ao crime descrito no artigo 147 do Código Penal, crime de ameaça de morte, em relação aos jovens H.W.M, J.V.O.A., M.V.M. e S.N.S., sendo que há mais 1 (um) estudante envolvido que atingiu a maioridade penal e por isso terá tratamento específico.

Essa importante vitória da campanha que fez a Justiça reconhecer o óbvio nos motivou a dar um novo passo, que segue em andamento, um abaixo-assinado online, exigindo a transferência dos estudantes, para o governador João Doria!

Dinheiro para saúde, educação e transporte públicos! Fim do pagamento da dívida pública! Fora Bolsonaro, por um governo dos trabalhadores, sem patrões nem generais!

No dia 31/05/2020 a Liberdade e Luta realizou o Encontro Nacional online por Fora Bolsonaro, com mais de 200 participantes de todas as regiões do país! Foi um encontro importantíssimo na luta pelo “fora Bolsonaro”, que foi travado pelas direções traidoras das centrais sindicais e estudantis durante todo o primeiro ano do mandato de Jair Bolsonaro e que continua sendo. Esse encontro trouxe informes históricos e conjunturais sobre problemas enfrentados por jovens e trabalhadores brasileiros todos os dias, tais como saúde, educação, transporte e dívida pública. Num país dominado pelo imperialismo e atrasado economicamente como o Brasil, a burguesia local não foi capaz de encabeçar um processo revolucionário que desse conta das tarefas democrático-burguesas, tal como educação pública, gratuita e universal em todos os níveis, um sistema de saúde público realmente efetivo e para todos e o sis-

tema de transportes eficiente para escoar a produção e deslocar os trabalhadores de maneira racional. De fato, nada disso foi alcançado justamente pelo caráter atrasado e dominado do Brasil, que se expressa no pagamento de uma dívida pública, uma dívida que não foi feita pelo povo, mas que é paga religiosamente, todos os anos, retirando recursos dos nossos serviços públicos e engordando os bolsos dos banqueiros e especuladores do mercado financeiro.

Lançamos o manifesto “Dinheiro para saúde, educação e transporte públicos! Fim do pagamento da dívida pública! Fora Bolsonaro, por um governo dos trabalhadores, sem patrões nem generais!” como um instrumento para discutir e organizar a juventude e os trabalhadores em meio à pandemia, expondo claramente que tipo de serviços públicos queremos e precisamos e onde estão sendo gastos os recursos que produzimos e diversas bandeiras de luta, centralmente, a anulação do pagamento da dívida pública e a luta pelo “fora Bolsonaro”.

O Governo Bolsonaro quer aprovar um Orçamento de guerra contra o povo! Devolvam as verbas da Saúde, Educação e Ciência! Não ao retorno das aulas presenciais sem vacina!

Em agosto de 2020, após mais de 120 mil mortos pela Covid-19, o governo Bolsonaro enviou uma proposta de orçamento para 2021 que cortava 8,61% da Educação, 12,13% da Saúde, 27,71% da Ciência e Tecnologia, mas aumentava em 16,16% as verbas com despesas militares. Esse orçamento é um crime contra todos os brasileiros. Em plena pandemia, com serviços públicos completamente insuficientes, o governo decide retirar recursos de áreas tão sensíveis e importantes para investir na compra de armamento do imperialismo, para financiar o capital externo. É um absurdo completo, não há de se emendar esse orçamento, não há negociação, ele precisa ser derrubado por completo, pois é um orçamento de guerra contra a classe trabalhadora!

Além disso, o governo impõe o retorno às aulas presenciais sem a vacinação para todos, são milhões de estudantes e professores no Brasil que serão colocados em risco, sendo vetores para a contaminação de outras pessoas, tudo isso para fazer os trabalhadores como bucha de canhão, em nome da teoria da imunidade de rebanho e da “retomada econômica”, leia-se, “aumentar os lucros dos patrões”.

NÃO! Não somos bucha de canhão! Vidas proletárias importam! Lançamos o abaixo-assinado pela devolução das verbas da saúde, educação e ciência! Aula presencial, só com vacina em outubro de 2020 como resposta a esses ataques e coletamos centenas de assinaturas. Seguimos no período atual com a defesa de vacinação para todos para o retorno das aulas presenciais e apontando que é preciso derrubar o governo Bolsonaro já!



Reprodução

Nossas campanhas, nossa história

Por meio de nossas campanhas, contamos nossa intervenção na luta de classes e como, desta forma, construímos nossa própria história. Todas essas campanhas são norteadas pela batalha incansável pela construção de uma organização de combatentes jovens comunistas. Sabemos que para mudar o mundo é preciso uma ciência – a ciência revolucionária do proletariado -, o marxismo e, aliado as bases teóricas do marxismo, a ação. É nesse fogo quente que forjamos nossas fileiras e contribuímos para a preparação de uma nova direção revolucionária, essencial para derrubar o capital e abrir um caminho para a humanidade: o socialismo.

“ABAIXO A DITADURA”: A LIBERDADE E LUTA NOS ANOS 80 E A ATUAL

— Chico Aviz e Pedro Saas



Reprodução

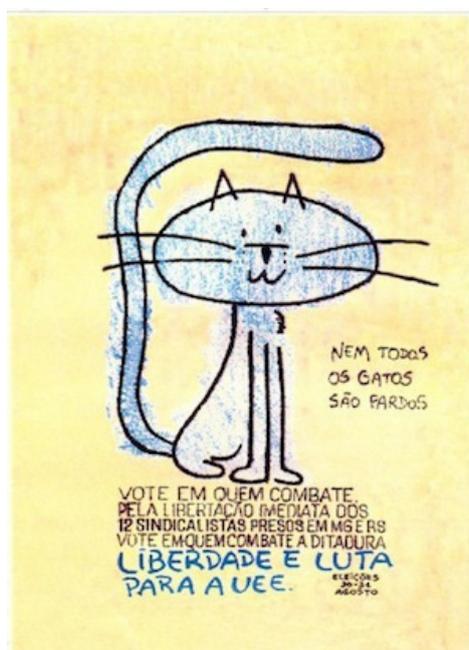
Na década de 1960, a Ditadura Militar empreendeu a destruição do movimento estudantil. A repressão recrudesciu a partir de 1968 e acontecimentos como os assassinatos do secundarista Edson Luís, do dirigente estudantil Alexandre Vannuchi Leme, e do jornalista Vladimir Herzog; o decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, que punia trabalhadores e estudantes acusados de “subversão”; e outros ataques do regime burguês, organizado pelas Forças Armadas e pelo imperialismo, provocaram importantes protestos estudantis, inclusive com a formação de comitês de ação em defesa dos presos políticos, greves e toda forma possível de organização contra a repressão.

Na década seguinte, como resultado de todas as mobilizações do período, foi fundada a organização de juventude Liberdade e Luta, em 1976, a partir da fusão de duas organizações trotskistas, a Organização Primeiro de Maio e a Organização Marxista Brasileira, passando a ser vinculada à Organização Socialista Internacional (OSI). Sua base foi a Universidade de São Paulo e seu impulsionamento prático foi a inscrição de uma chapa para disputa da direção do Diretório Central dos Estudantes (DCE) Livre Alexandre Vannucchi Leme, refundado em 1976, à margem da estrutura oficial, que era aparelhada pela ditadura. Ressalta-se que, para além da USP, a Liberdade e Luta também foi composta tanto por estudantes universitários de outros locais, quanto por secundaristas em todo o país, identificando-se com um novo agru-

pamento revolucionário.

Muitas vezes esta organização era chamada de “Libelu”, um apelido pejorativo que os stalinistas cunharam para a Liberdade e Luta com o intuito de diminuir a organização. Ainda na década de 1970 as influências das políticas dos epígonos de Stalin eram hegemônicas na esquerda mundial, portanto, as correntes stalinistas, assim como a própria direita, utilizavam dos meios mais sujos para ridicularizar os opositores de esquerda. Tais difamações eram, inclusive, de taxar as reuniões da Liberdade e Luta como “festas degeneradas, regadas a drogas e álcool”. Ainda hoje achamos na internet alguns artigos com o mesmo discurso contra a antiga Liberdade e Luta, mas para combater esses ataques, respeitando seu legado, este artigo se propõe a contar um pouco da história desta importante organização revolucionária da juventude brasileira e internacionalista.

Os métodos e o programa da Liberdade e Luta



Reprodução

A Liberdade e Luta se diferenciava das outras organizações porque propunha aos jovens os métodos de luta da classe trabalhadora. Com uma militância organizada, a Liberdade e Luta realizava a formação, agitação e propaganda por greves e manifestações de massa, sendo a primeira organização a levantar a palavra de ordem “abaixo a Ditadura” publicamente. Enquanto isso, outros grupos que não confiavam na força da juventude e da classe trabalhadora, afirmavam que isso seria uma mera provocação à ditadura, o que, segundo eles, pioraria a situação de repressão. Para a Liberdade e Luta, mais do que uma questão de intrepidez, tratava-se de fazer a leitura correta da conjuntura política. A correlação de forças já não era a mesma do fim dos anos 1960, em especial com o AI-5, pois, desta vez, o poder militar enfrentava cisões internas e uma crise econômica gravíssima e era função da luta organizada radicalizar o discurso nas ruas para empurrá-lo ladeira abaixo.

A palavra de ordem “abaixo a Ditadura” tomou o lugar da usada anteriormente,

“pelas liberdades democráticas”, e no início dos anos 1980 já era entoada em uníssono por todo movimento, sendo esses atos os momentos que fragilizaram ainda mais a ditadura. Assim, foi na prática que a Liberdade e Luta demonstrou que só as mobilizações das massas impulsionariam uma modificação real da sociedade brasileira, em defesa do marxismo.



Reprodução

Como dissemos, no início da Ditadura a situação era outra. O Decreto-Lei nº 228, de 28 de fevereiro de 1967, a partir do Ato Institucional nº4, foi uma expressão disso ao reformular a representação estudantil do ensino superior, reprimindo a organização política dos discentes. Ao longo destes anos, o histórico DCE da USP, fundado em 1958, passou por inúmeros ataques do Estado e seus representantes locais, mas a força dos estudantes e dos trabalhadores, que auxiliavam na formação política destes jovens, reconquistou a independência do Diretório com sua refundação, citada anteriormente. Desta forma, em 1978, a Liberdade e Luta venceu as eleições nas urnas de voto direto para o DCE-Livre da USP com o seguinte programa e as seguintes reivindicações:

Por liberdades democráticas:

- Eleições livres e diretas;
- Liberdade de organização para os partidos políticos e para os sindicatos;
- Anistia geral para os presos e exilados políticos;
- Abolição total de censura;
- Direito de greve;
- Revogação dos Atos Institucionais e dos Decretos-Lei repressivos: 477, 288, “Lei de Segurança Nacional”;
- Fim das prisões e torturas no Brasil.

Pela democratização da universidade:

- Abolição dos atestados ideológicos para professores;
- Pelo reconhecimento por parte da burocracia universitária do DCE-Livre

como único organismo representativo dos estudantes da USP;

- Eleições diretas para diretores e reitores pelos estudantes, funcionários e professores;
- Pela democratização do ensino: livre debate nas salas de aula, liberdade de criação e pesquisa, colaboração entre estudantes e professores na elaboração dos cursos;
- Que os auditórios e demais dependências da Universidade estejam abertos à utilização de todos os estudantes;
- Fim do policiamento ostensivo no campus;
- Contra a participação nos organismos impostos pelo MEC: órgãos colegiados e Conselho Universitário.



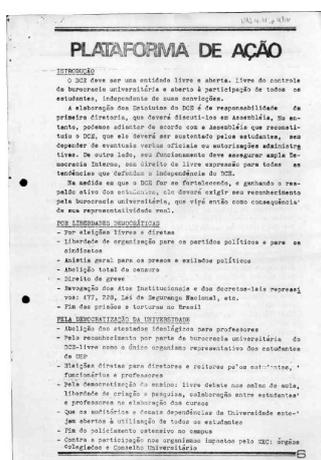
Reprodução

Por melhores condições de ensino:

- Contra a reforma universitária;
- Contra o ensino pago;
- Contra a criação de uma universidade de Ribeirão Preto (URP);
- Mais verbas para universidade;
- Contra o vestibular, pelo livre acesso à universidade;
- Por transporte, restaurantes, e completa assistência médica e dentária gratuitos.
- Pela reabertura do conjunto residencial da USP;
- Professores contratados a tempo integral com salários condizentes;
- Contra o jubileamento e a portaria 351;
- Contra educação física obrigatória;
- Organização de ciclos de debates universitários;
- Contra os pré-requisitos;
- Por uma biblioteca sempre aberta, ampliada e atualizada;
- Abolição das taxas.

Reorganização do Movimento Estudantil:

- Todo apoio aos encontros estaduais e nacionais de estudantes, por área de ensino e gerais;
- Todo apoio à comissão Nacional de Luta pelas Liberdades Democráticas;
- Constituição de uma comissão cultural do DCE que aglutine e coordene os grupos de Teatro, Cinema e Música já existentes, incentivando a formação de outros;
- Constituição de uma comissão de assistência do DCE encarregada de questões relativas ao CRUSP, COSEAS e ao transporte;
- Vinculação da LAUFE ao DCE através de uma Comissão de Esportes;
- Por um centro de vivência central, sede do DCE;
- Trote unificado.



Reprodução

A base destas propostas do fim dos anos 1970 segue atual para o movimento estudantil. Compreendê-las politicamente e extrair esse legado é fundamental para a atuação da juventude em nosso tempo em defesa da Educação Pública, Gratuita e para Todos.

Costumes e moral da militância

Ao contrário das outras organizações que só escutavam MPB acusando as músicas estrangeiras de imperialismo, a antiga Liberdade e Luta possuía suas referências estéticas e musicais na cultura de contestação do rock, com suas letras atacando a moral e os bons costumes. Segundo Lúcia Pinheiro: “existia um grupo, o Viajando sem Passaporte, que fazia críticas fantásticas à música engajada”.

Em suas festas havia uma relação mais aberta quanto a música e a liberação sexual, sem deixar de realizar uma forte crítica às drogas, que sempre fizeram parte da política da Liberdade e Luta, pois isso certamente traria a repressão para seus militantes e para a organização. Era uma questão de disciplina e de combate, já que as drogas foram usadas por muitos governos para acabar com os movimentos sociais, como nos Estados Unidos, quanto a implantação da heroína nos bairros negros para desmobilizar o Partido dos Panteras Negras.

Abaixo a Ditadura!

A Liberdade e Luta tinha em suas reivindicações o combate aos Decretos-Lei que eram utilizados como uma ferramenta para repressão do movimento estudantil, como o Decreto-Lei nº 477, conhecido também como “AI-5 estudantil”, que definia como “subversão” estudantes, professores e funcionários de instituições de ensino que incitassem greves, ou participação nesses movimentos, “atentados” contra pessoas e instalações, dentro ou fora dos estabelecimentos de ensino.

Qualquer prática relacionada a movimento estudantil era enquadrada, como no paralelo da atual “Lei de Segurança Nacional” que busca considerar aqueles que se organizam politicamente como “terroristas”. Na prática, passeatas e paralisações públicas só poderiam ocorrer caso a ditadura autorizasse. O Decreto-Lei nº 314, de 13 de março de 1967, era utilizado para prevenção e repressão contra “guerra psicológica adversa” e contra a “guerra revolucionária subversiva”, isto é, segundo os parágrafos 2 e 3, respectivamente, “o emprego da propaganda, da contrapropaganda e de ações nos campos político, econômico, psicossocial e militar, com a finalidade de influenciar ou provocar opiniões, emoções, atitudes e comportamentos de grupos estrangeiros, inimigos, neutros ou amigos, contra a consecução dos objetivos nacionais” e “o conflito interno, geralmente inspirado em uma ideologia ou auxiliado do exterior, que visa à conquista subversiva do poder pelo controle progressivo da Nação”.

As punições para os envolvidos eram, no mínimo, a demissão, mas, na realidade, a Ditadura não agia assim. A repressão sequestrou, torturou, assassinou e desapareceu com os corpos destas pessoas. Tais leis foram ferramentas reacionárias contra a classe trabalhadora, contra a juventude e suas organizações.

Contra todos esses desmandos do governo bonapartista militar, a Liberdade e Luta se construiu e ajudou no histórico empreendimento de luta que foi o Partido dos Trabalhadores. Estes jovens também foram os primeiros a reivindicar a criação de um partido e de uma central sindical independente e do proletariado brasileiro, capaz de se tornar as maiores ferramentas revolucionárias do povo trabalhador. O PT nasceu com disputas internas sobre os pilares do seu programa e a Liberdade e Luta representava uma ala crítica, junto à OSI. Aqueles dirigidos por Lula, que eram conhecidos por defender um “PT como partido de toda a sociedade”. Todavia, as divergências políticas não fizeram os militantes da Liberdade e Luta serem sectários, pelo contrário, acreditaram na capacidade desta ferramenta de classe que foi o Partido dos Trabalhadores e impulsionaram sua construção.

Que fim levou a Liberdade e Luta?

Em 1986, uma crise dividiu a OSI ao meio. Uma parte do Comitê Central (CC) deu um giro à direita entrando para Articulação de Esquerda, corrente interna do PT, dentre eles, Antônio Palocci, Clara Ant e Luiz Gushiken. Já os que permaneceram começaram a se questionar sobre o que fazer com a Liberdade e Luta, que estava definhando por paralisação na sua atuação.

Nesse momento foi decidido pelo CC que o nome e a forma organizativa estavam inadequados para aquela conjuntura, já que o nome “Liberdade e Luta” surgiu como fruto do seu momento de fundação: pela “liberdade democrática e pela luta nas ruas”, ambas impossibilitadas pela Ditadura Militar. Portanto, naquele momento de aber-

tura política, a representação dessas defesas era feita pelo PT e a CUT, que convocou a primeira greve geral no período da redemocratização.

Então, era necessário um nome que fosse um chamariz para os jovens estudantes e trabalhadores nesse renascimento brasileiro de 21 anos de chumbo: Juventude Revolução. Essa refundação se tornou a organização da juventude vinculada à corrente interna do PT, O Trabalho, um dos jornais operários mais antigos do país.

A Liberdade e Luta dos anos 80 e a atual Liberdade e Luta

Hoje reivindicamos o nome da antiga Liberdade Luta e seus métodos de luta, mas existem algumas diferenças entre aquela organização da década de 1970 e a que impulsionamos na atualidade, fundada em 2016 no acampamento revolucionário na fábrica ocupada Flaskô, em Sumaré, São Paulo. Nossa organização nasce pelo recrutamento do Estado burguês e da histórica crise do sistema capitalista, que explodiu em 2008 e se aprofunda a cada ano.

Afirmando e colocando em prática os métodos operários, combatendo todos os desvios liberais do pós-modernismo, a Liberdade e Luta também é fruto das jornadas de junho e julho de 2013, nas quais milhões de jovens e trabalhadores foram às ruas contra os ataques aos serviços públicos realizados pelo governo de conciliação do PT. A juventude revolucionária que estava nas ruas naquele período denunciou e demonstrou toda a ira contra a traição da direção petista, que transformou o maior partido operário do continente em instrumento de repressão e manutenção do sistema burguês.

Desta forma, os jovens que anteriormente compuseram a Juventude Revolução⁸ e a Juventude Marxista⁹, compreenderam a conjuntura e fundaram a nova Liberdade e Luta, com esse nome também em homenagem aos diversos militantes da Esquerda Marxista - Seção Brasileira da Corrente Marxista Internacional -, que fizeram parte da originária Liberdade e Luta. Nossa fundação tem seu marco na publicação de nosso manifesto assinado e publicado em 31 de janeiro de 2016.¹⁰

Nossa atuação defende o legado da antiga Liberdade e Luta, aprofundando a defesa, a formação e a divulgação do marxismo, da revolução permanente e do socialismo. Atuamos sem baixar nossas bandeiras vermelhas com um programa de transição que luta pelas liberdades democráticas, pelos serviços públicos, gratuitos e para todos, pela solidariedade internacional dos povos trabalhadores e com a direta intervenção nos locais de estudo e trabalho da juventude.

Em todos os momentos, denunciemos a total falência do modo de produção

8 A Juventude Revolução continua existindo como organização de juventude da corrente O Trabalho. Os jovens a que nos referimos aqui são aqueles que compuseram a Juventude Revolução e romperam com ela na cisão de 2006 da corrente O Trabalho que veio a dar origem a Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional.

9 Organização de juventude impulsionada pela Esquerda Marxista que foi dissolvida em 2016 quando fundamos a Liberdade e Luta em 2016.

10 Liberdade e Luta. Manifesto da Liberdade e Luta. Disponível em: <liberdadeeluta.org/node/1>.

capitalista em salvar a humanidade da crise que este sistema nos impõe. Trata-se da barbárie escancarada aos olhos de uma juventude que não possui perspectiva em seu horizonte, a não ser mais exploração e opressão de todas as formas possíveis. Tais denúncias são conectadas com as necessárias críticas e caracterizações às demais organizações e direções estudantis, que, adaptadas ao regime burguês, atuam para a manutenção deste sistema e seu conseqüente atraso.

Se a antiga Liberdade e Luta tinha sentido em seu tempo pelo “abaixo a Ditadura”, nós reafirmamos a atualidade da Liberdade e Luta apontando para a necessidade histórica do “abaixo o capitalismo”! Essa devida atuação para a conquista da juventude comunista e de todo o proletariado no Brasil tem pedra angular, capaz de abrir uma situação revolucionária nas ruas, a palavra de ordem “Abaixo o Governo Bolsonaro, por um Governo dos Trabalhadores, sem Patrões, nem Generais”!

LIBERDADE E LUTA, UM PASSADO PRESENTE

— Michel Goulart¹¹



Conferência Nacional da Libelu, São Paulo, data desconhecida Foto: Vera Jursys / CSBH/FPA

O documentário “Libelu – Abaixo a Ditadura” foi um sucesso de crítica, inclusive sendo escolhido como “melhor filme” da mostra competitiva do Festival É Tudo Verdade, e despertou o interesse de muitos jovens para esta organização política. Dirigido por Diógenes Muniz, o documentário conta parte da história da organização de juventude Liberdade e Luta, impulsionada a partir da criação da Organização Socialista Internacionalista (OSI), em 1976. Mais conhecida como Libelu, expressão inicialmente falada por outros grupos políticos que buscavam questionar a seriedade dos militantes da Liberdade e Luta, a organização deixou de existir em 1982. Posteriormente, o processo de organização da juventude por parte dos trotskistas passou por outros momentos, partindo da experiência de construção da Libelu, diante da mudança na situação política e como parte do processo de consolidação da intervenção no Partido dos Trabalhadores (PT).

O documentário foi realizado a partir de depoimentos de pessoas que tiveram algum tipo de participação nos primeiros anos da Liberdade e Luta, como Ricardo Melo, Júlio Turra, Markus Sokol, Josimar Melo, José Arbex, Reinaldo Azevedo, Demétrio Magnoli, Cleusa Turra, Antônio Palocci, entre outros. Esses nomes mostram em parte a importância política que a organização teve em seu contexto, apesar da

11 Artigo escrito originalmente para o site da Esquerda Marxista: marxismo.org.br, em 06.10.2020.

trajetória assumida por parte de seus membros. Mostram também como o documentário conta duas histórias, uma que narra os principais acontecimentos da trajetória política da Liberdade e Luta e outra em que antigos militantes que abandonaram a luta revolucionária falam de seu passado como algo distante ou mesmo estranho.

O documentário, cuja narrativa intercala entrevistas atuais com gravações de vídeo realizadas na época, mostra a fundação da Libelu associada a um momento específico da ditadura, mais precisamente os anos posteriores à derrota da luta armada e a retomada das mobilizações de massas no Brasil. Os entrevistados apontam que a fundação da Liberdade e Luta estava associada ao processo de mobilizações estudantis de massas ocorrido a partir de 1975. O ponto alto dessa luta foi sua vitória na eleição do DCE da USP, em 1978.

Naquele contexto, a Libelu se tornou uma das mais importantes organizações estudantis do período final da ditadura. Esse peso conquistado pela organização estava ligado, entre outras coisas, ao fato de se diferenciar das demais organizações, a maioria de orientação stalinista. O trotskismo, que orientava as formulações teóricas da Liberdade e Luta e da OSI, conseguia analisar corretamente a situação política nacional e internacional, o processo de crise da ditadura e a dinâmica da luta de classes.

Os entrevistados destacam também a defesa que a Libelu fazia de uma arte que não fosse uma mera manifestação de estética propagandista. Os trotskistas são conhecidos por defender a necessidade da liberdade da arte. Um dos entrevistados afirma que era uma lição de Trotsky, seguida pelos militantes da organização, a ideia de que a arte se legitima por ser arte, não por ser um panfleto. O documentário se remete ao famoso cartaz com um gato azul e os dizeres “nem todos os gatos são pardos”. Essa é possivelmente a imagem mais famosa associada à Liberdade e Luta.

O documentário destaca o papel desta organização de juventude na luta contra a ditadura, mostrando como a organização foi alvo de críticas por membros do governo. Segundo mostra-se no documentário, a Liberdade e Luta chegou a ser citada em programas de ficção e em entrevistas na televisão e ganhou destaque de capa e inclusive uma matéria crítica (e mentirosa) na revista “IstoÉ”. No contexto de sua luta, seja nas falas da esquerda reformista ou da burguesia e seus lacaios, a Libelu era vista como o grupo mais “radical” e, diante do seu rápido crescimento, os ditadores de plantão a enxergavam como algo perigoso. No documentário, a repressão ganha um rosto: o coronel Erasmo Dias, secretário de Segurança Pública de São Paulo.



Libelu - Documentário ditadura

Um dos destaques da atuação política de sua militância, apontado com precisão no documentário, foi o papel da Libelu na ampla difusão da palavra de ordem “abaixo a ditadura”. A Liberdade e Luta foi a primeira organização a levantar essa palavra de ordem, que, embora tenha ganhado rapidamente o apoio das massas, foi combatida pelas demais organizações de esquerda. Como desculpa diziam que os trabalhadores não estariam prontos para a consigna ou que defendê-la faria com que piorasse a perseguição e a repressão contra a esquerda. Isso é bastante semelhante ao que aconteceu com o “fora Bolsonaro” na conjuntura atual, combatido não apenas pelos reformistas e stalinistas, mas inclusive por setores da esquerda que em outro momento ajudaram a construir a Libelu.

A questão das trajetórias dos antigos militantes da Liberdade e Luta é algo apresentado com destaque no documentário. A maioria seguiu rumos profissionais ou mesmo político diversos, vindo inclusive a trabalhar em órgãos da grande mídia ou migrando para posições de direita, como Magnoli, ou assumindo o papel de gestor do capital, como Palocci. Um elemento discutido no documentário é justamente a participação de antigos militantes da organização no governo Lula, embora esclareça que eles não representavam a Libelu, e haviam abandonado a tradição política e teórica trotskista.

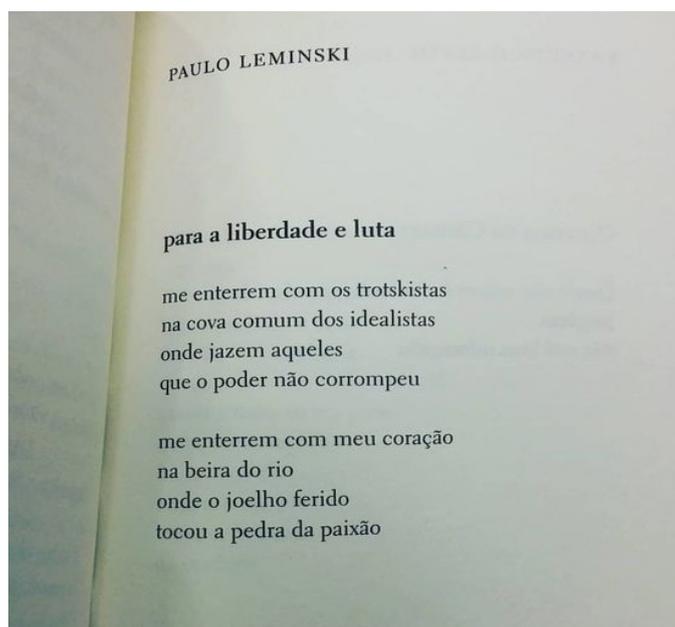
Um tema pouco trabalhado no documentário é a relação da Liberdade e Luta com o PT e a OSI, que aparece brevemente. Não há menção ao fato de a experiência e a história da Libelu ter impulsionado a construção de outras organizações nos últimos trinta anos, como a Juventude Revolução e a Juventude Marxista, bem como uma nova Liberdade e Luta. Com isso, a importância da relação da construção de uma organização de juventude com um partido revolucionário é pouco trabalhada, bem como a atuação militante dentro do espaço que era a expressão política dos trabalhadores organizados, o PT. Além disso, a reflexão sobre a relação dos antigos militantes da Libelu com o governo Lula é apresentada de forma bastante apressada, limitando-se a comentários rasos sobre a presença dessas pessoas em alguns cargos e sobre a figura de Palocci.

Apesar de suas limitações, o documentário permite importantes reflexões, como

sobre o papel central das organizações de juventude na formação dos revolucionários, se constituindo como escola na construção de quadros nas lutas dos trabalhadores. Embora entre os entrevistados a maior parte não tenha seguido na militância revolucionária, outros tantos quadros formados naquela conjuntura seguiram na luta pela construção de um partido trotskista, seja em um primeiro momento na OSI, seja na Esquerda Marxista, herdeira dessa história. Coube à Esquerda Marxista, além de manter viva a tradição revolucionária, fundar em 2016 uma nova organização de juventude que retoma a tradição da antiga Libelu e carrega o nome Liberdade e Luta.

Possivelmente o principal limite do documentário está na opção política de não colocar em cena aqueles que seguiram pelo caminho da revolução. Os únicos entrevistados que seguiram militando são Sokol e Turra, dirigentes da tendência O Trabalho, que, a despeito de sua história de luta, abandonou a teoria trotskista para se tornar um apêndice do reformismo petista. Além disso, o documentário em muitos momentos parece estar mais interessado em entender as motivações que levaram Reinaldo Azevedo, que sequer militou na Libelu, e Demétrio Magnoli a se tornarem reacionários e Antônio Palocci, que teve pouco importância como dirigente da Libelu, a ter se integrado politicamente à ordem burguesa. Os revolucionários que seguem lutando pela construção do partido revolucionário e pela derrubada do capitalismo não têm voz no documentário.

A história da Liberdade e Luta é uma lição para a organização revolucionária, seja por mostrar a importância fundamental dos acertos teóricos e políticos, seja por expor o resultado das pressões que a sociedade capitalista impõe sobre os militantes. Por isso a importância da coerência teórica e da defesa dos princípios, algo que motivou a geração que construiu em seus primeiros anos a Libelu. Mesmo que muitos daqueles militantes tenham seguido o caminho mais fácil — se deixando cooptar pela institucionalidade burguesa ou mesmo migrando para o outro lado da trincheira —, uma geração de revolucionários se forjou na Liberdade e Luta no final da ditadura e permanece construindo o partido revolucionário. Esse é a herança teórica e política da Esquerda Marxista, que nos remete ao poema de Paulo Leminski, citado no documentário:



Arquivo pessoal Michel Goulart

A LUTA PELA ALIANÇA OPERÁRIO-ESTUDANTIL

— *Lucas Mendes*

“A classe operária é aquela que o capital depende diretamente para se reproduzir. Ao cruzar os braços, ela coloca em xeque todo o sistema capitalista e só com sua atividade consciente será possível construir o socialismo. Por ser esse o setor fundamental do proletariado, os jovens devem conectar suas lutas aos interesses de emancipação dos operários” (Pela aliança operário-estudantil - Liberdade e Luta).



Manifestação de trabalhadores e estudantes em 1968 no Brasil

Um dos maiores desafios que todo revolucionário tem a enfrentar na busca por uma ruptura com o sistema capitalista, que é o responsável por todas as formas de exploração, é a superação da crise das direções do proletariado. A crise das direções é uma pauta recorrente em toda a história da luta de classes e, em momentos de crise do capitalismo, é possível observar que essas mesmas direções tendem a ter um posicionamento mais “à direita”, sempre lutando com todas as forças para salvar as estruturas que mantêm o sistema em pé. Esses problemas, que já haviam sido obser-

vados durante a Revolução Russa e em outros diversos momentos em que o sistema capitalista foi posto em xeque, são tão atuais quanto graves, pois, além disso, hoje existe uma ferramenta ideológica que ajuda a garantir que o sistema capitalista se mantenha intacto: o pós-modernismo.

A linha de pensamento pós-moderna procura questionar as noções clássicas de razão, verdade e emancipação universal. Diferente da luta dos marxistas, que tentam unir os trabalhadores do mundo todo para enfrentar a classe que os oprime, os pensadores pós-modernos enxergam o mundo como um conjunto de culturas e interpretações desunificadas, onde as circunstâncias individuais levam o sujeito à possibilidade de pertencer a um grupo descolado do geral. Grande parte do movimento estudantil brasileiro tem suas discussões girando em torno dessas pautas pós-modernas, o que impede uma união dos estudantes com outros setores que não são explorados da mesma forma. E dentro da diversidade, presente entre os estudantes, surgem novas formas de subdividir os estudantes, jovens e trabalhadores em torno das suas individualidades. Uma das maiores influências dentro dessas correntes é o filósofo francês Michael Foucault, porém a sua influência não ficou apenas na esquerda acadêmica, pois mesmo as direções dos partidos que se reivindicam de esquerda estão regularmente difundindo suas ideias.

Para Foucault as “relações de poder” são tratadas de forma abstrata, em que todos são agentes de uma forma de opressão. Isso faz com que a luta seja descentralizada criando um desfoque na luta de classes e levando o foco para diversas lutas individuais. O problema é que essa ideologia implica em uma confusão em toda a esquerda, a deixando sem programa e ofuscando os seus principais objetivos.

O marxismo deve ser utilizado como uma ferramenta para unir as lutas e vincular o particular ao geral, sendo, assim, a saída para iluminar os “caminhos sem saídas” onde os trabalhadores são colocados. A saída é o marxismo, a revolução. Porém não se pode negar a existência de diversas formas de opressão além da exploração de classe, como a discriminação por gênero, cor, orientação sexual, religião e nacionalidade. Contudo, compreendemos que essas explorações e opressões são intensificadas pelo sistema, utilizadas para estabelecer divisões e impedir a luta solidária entre os povos e entre os trabalhadores. A revolução acontecerá pelas mãos de homens e mulheres com problemas reais ligados ao cotidiano, muitos com preconceitos que a própria moral burguesa impõe para manter o sistema funcionando.

A ideologia pós-moderna está muito presente no movimento estudantil e nas direções dos partidos de esquerda, algo que não deixa de ser mais uma forma de manifestar sua traição. A burguesia sabe bem que, para ela, essas ideias são inofensivas e vêm com bons olhos a sua difusão, tanto sabem, que muitas vezes se apropriam delas para criar uma forma de “capitalismo consciente”, uma ideia inconcebível para qualquer um que olhe para o mundo com uma filosofia materialista e dialética. Portanto, ou as direções dos partidos de esquerda e direções do movimento estudantil não entenderam o marxismo, ou são declaradamente traidoras dos trabalhadores e não têm como objetivo a sua emancipação, apenas usam máscaras que escondem que, no fundo, lutam é para manter o sistema capitalista vivo.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) durante muitos anos participou de forma muito combativa, lutando por pautas centrais que atingiam tanto aos estudantes quanto aos trabalhadores, como a campanha pela estatização do petróleo no

Brasil (“O Petróleo é Nosso”) nos anos 1950, que culminou na criação da Petrobrás em 1954. Lutou de frente contra a Ditadura Militar de 1964, e participou de embates que aliaram estudantes, operários e camponeses em 1968 contra o regime. Nos anos 1970, a entidade voltou a se reorganizar, após ter sua sede queimada pela Ditadura e seus membros e dirigentes presos e perseguidos. Em 1979, ainda durante a Ditadura, a UNE é reconstruída no seu 31º Congresso, em Salvador, Bahia. No Manifesto e na Carta de Princípios adotadas, a UNE assume uma série de bandeiras fundamentais, entre elas, a luta por educação pública, gratuita e para todos e a solidariedade com as lutas dos trabalhadores de todo o mundo. Hoje, no entanto, a UNE tem uma atuação vergonhosa para os interesses dos estudantes e trabalhadores, tendo um papel de manutenção do capitalismo e suas pautas girando em torno de temas pós-modernos. As direções da união nacional dos estudantes, estão ligadas a partidos que têm o papel de não confrontar o sistema capitalista. O ex-presidente da UNE, Iago Montalvão, já se reuniu com o ex-ministro da educação Abraham Weintraub para discutir programas como o “Future-se” e não tomou medidas para unificar os estudantes e lutar por uma pauta dos trabalhadores como a reforma da previdência. Essa é a mesma direção da UNE que garantiu que a palavra de ordem “fora Bolsonaro” não fosse difundida por milhares de estudantes e no seu lugar colocou palavras como “Lula livre” ou “o Brasil se une pela educação”.

Se a direção do movimento estudantil não está disposta a enfrentar o sistema capitalista, as direções dos partidos estão muito menos. Essas direções têm atuado como freio na luta em defesa dos direitos e contra as reformas ultrarreacionárias e liberais. Também têm atuado como freio na mobilização dos trabalhadores, impedindo a unificação das suas greves em um poderoso movimento de greve geral para pôr abaixo esse governo e construir uma alternativa socialista.

A luta por melhores condições de estudo e trabalho e por um futuro unificam jovens e trabalhadores. A história nos mostra exemplos onde essa união aconteceu de forma concreta e um dos maiores deles foi o de maio de 68. O mês de maio de 1968 ficou internacionalmente conhecido por ter sido um momento de despertar social que se iniciou a partir de protestos estudantis em Paris. Esses protestos, não foram puramente estudantis e espalharam pelo país, comovendo os trabalhadores e os trazendo para a luta, iniciando uma greve geral que abalou a ordem da Quinta República Francesa. Não só na França, mas em diversos países do mundo, jovens e trabalhadores se unificaram para defender seus direitos e questionar o sistema. Foi assim na luta pelos direitos civis nos EUA, no México, no Brasil e também na luta contra as burocracias stalinistas no Leste Europeu, como na Tchecoslováquia. 1968 foi o ano da unidade internacional da luta de classes, no qual jovens e trabalhadores estiveram unidos nas ruas e nas lutas.

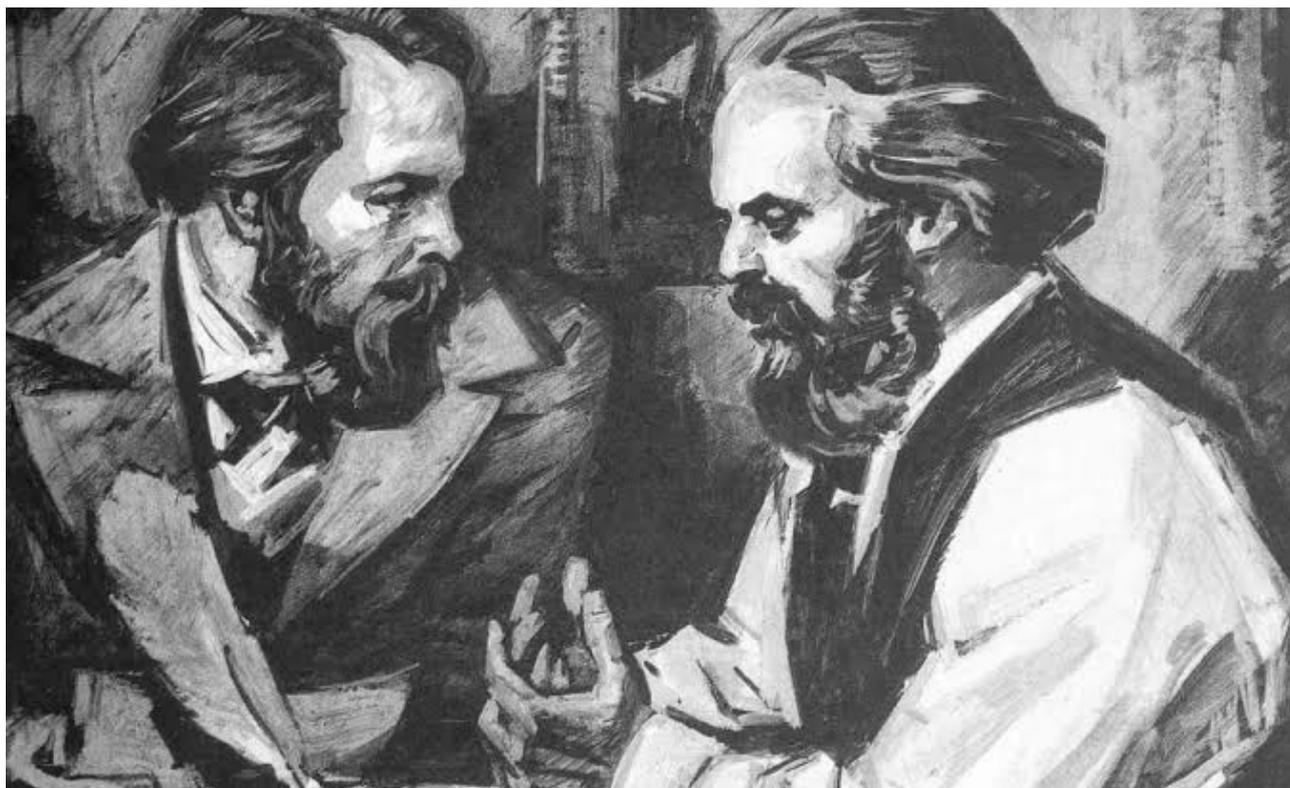
Jovens e trabalhadores estão do mesmo lado. Seus interesses fundamentais na luta contra a opressão e exploração são os mesmos e a cada combate, seja por um aumento salarial, seja contra o fechamento de uma escola, a unidade é a chave para vencer. Por isso, defendemos a aliança operário-estudantil. Jovens combatendo lado a lado com a classe trabalhadora, vendo o mundo como os olhos da classe trabalhadora. Pois a classe trabalhadora é a única classe revolucionária presente na sociedade atual, sua emancipação corresponde a emancipação da Humanidade como um todo da divisão da sociedade em classes.

O capitalismo não tem nada a oferecer à juventude. É ao lado da classe trabalha-

dora em sua luta pela emancipação do capital e no estabelecimento de uma sociedade socialista que a juventude poderá trilhar uma perspectiva de um futuro e conquistar seu direito à felicidade. Por isso, desde já atuamos lado a lado com os trabalhadores, nos solidarizando com as suas lutas, apoiando suas greves, organizando discussões sobre o movimento operário internacional e aprendendo seus métodos históricos de luta e organização.

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA REVOLUCIONÁRIA

— *Hector Gonzaga*



Reprodução

A base de um marxista é a *práxis*, isto é, a síntese da teoria e da prática. O marxista é um militante, sendo assim, dialoga com contatos e participa de reuniões; ele lê, estuda e o faz para entender o mundo, sua essência e o seu funcionamento. Se estamos dispostos a transformar o mundo e dizer o que fazer, também temos que estar dispostos a compreender a essência das coisas, seus processos e suas transformações. Sendo assim, analisar a materialidade não é uma tarefa simples, para fazê-la é imprescindível tomar para si conceitos e dar nome às coisas. Isso permite, por exemplo, que possamos entender até as menores sutilezas da conjuntura e a partir dessa compreensão decidir com precisão o que fazer.

Segundo Marx, “(...) aliás, toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas”¹². Para os marxistas isso se torna evidente: sem ir além da mera observação dos fenômenos, sem compreender

12 MARX, Karl. O Capital – crítica da economia política. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008, p. 1080

a essência das substâncias, estaremos subjugados à ideologia da classe dominante, seremos devorados por ilusões e adotaremos ideias que não condizem com a realidade. Sendo o entendimento do mundo algo vital, existem camaradas que, ao longo da vida, se dedicaram ao estudo do funcionamento do mundo, na necessidade de se superar o capitalismo. Marx e Engels o fizeram no início do século XIX, superando o socialismo utópico e lançando a base do socialismo científico. Graças ao socialismo científico, o caminho do estudo do mundo material, como realmente é, foi sintetizado. Em vista disso, o marxismo se destaca de qualquer outra ideologia porque suas concepções não se baseiam, de modo algum, em ideias ou princípios inventados; elas são a expressão geral das condições reais.

Quando se fala de teoria, nada se tem a ver com ilusões, utopias ou coisas que surgem do nada. A teoria é o ideal, e, para os marxistas, o ideal não passa do material transposto à mente do ser humano e por ele interpretado, ou seja, a teoria é a representação raciocinada do mundo no pensamento; é o ato de transportar a essência do objeto estudado para a mente. Muitos denominam os comunistas de utópicos, de idealistas, de terem ideias que não condizem com a realidade e nada poderia estar mais equivocado. Em “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”, Marx fala sobre a religião ser o ópio do povo e escreve:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo. A supressão [*Aufhebung*] da religião como felicidade ilusória do povo é a exigência da sua felicidade real. A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões. A crítica da religião é, pois, em germe, a crítica do vale de lágrimas, cuja auréola é a religião.¹³

As ideias da classe dominante formam um peso esmagador nas consciências dos homens e das mulheres e, sob o capitalismo, sem uma filosofia científica, os marxistas adotariam inevitavelmente a filosofia da burguesia e os preconceitos da sociedade em que vivem. Em síntese, a máquina de repressão do Estado, com seus homens armados, não é suficiente para manter o sistema capitalista. As ideias e a moralidade da sociedade burguesa servem de defesa vital dos interesses da classe dominante, sem uma ideologia poderosa o capitalismo não duraria por tanto tempo. Assim como a burguesia na sua revolução contra a sociedade feudal desafiou as ideias conservadoras da velha aristocracia, a classe trabalhadora, combatendo por uma nova sociedade, deve enfrentar a concepção dominante do seu opressor, a burguesia. É claro que a classe dominante detendo o controle dos meios de comunicação de massa, a escola, a universidade e o púlpito — conscientemente justificam seu sistema de exploração como sendo a forma natural da sociedade, não por acaso é comum nos depararmos com ditos como: “o mundo sempre foi assim”, “as coisas nunca mudarão”, etc.

O socialismo não é fruto de um homem-gênio que surge por mero acaso e que

13 MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Ed. Boitempo, 2019, p. 145.

poderia ter nascido antes e poupado a humanidade de erros, lutas e de sofrimentos. As ideias que representam o socialismo moderno são o reflexo, na inteligência, da luta de classes que reina na sociedade, entre burgueses e os assalariados e, também, da anarquia que reina na produção. Apesar de ter suas raízes no terreno dos fatos econômicos, como toda nova teoria, liga-se à ordem de ideias de seus precedentes imediatos. Aparecendo, primeiramente, como uma continuação mais desenvolvida e conseqüente dos princípios formulados pelos grandes filósofos franceses do século XVIII. Bem como a superação do idealismo e mecanicismo presente em suas concepções. Duas grandes descobertas de Marx fizeram do socialismo uma ciência: a concepção materialista da história e a mais-valia. Tentar então, compreender o marxismo, a teoria marxista, sem entender o materialismo histórico dialético não é possível.

Em “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, Engels esclarece a concepção materialista da história:

A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz o pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens, nem na ideia que eles façam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca; devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata.¹⁴

A fonte essencial do desenvolvimento humano é o desenvolvimento das forças produtivas e essa é a premissa básica do materialismo histórico. Esta é a conclusão mais importante porque somente isto pode nos permitir chegar a uma concepção científica da história. O desenvolvimento da sociedade humana durante milhões de anos, para os marxistas, representa o progresso. Pois, aumenta o poder da Humanidade sobre a Natureza, criando condições materiais para alcançar a verdadeira liberdade para os homens e mulheres. Mas, diferente do que muitos pensam, o progresso não acontece em linha reta e rejeitar o materialismo é ter em vista que a única força motriz dos acontecimentos históricos são os indivíduos, grandes homens e mulheres, brilhantes. A concepção materialista explica que existe apenas um mundo material, não há Céu e nem Inferno. O universo sempre existiu e não é criação de um ser sobrenatural, é o processo de um fluxo constante. Os seres humanos fazem parte da Natureza e, com a evolução da espécie, desenvolveram a capacidade de pensar, a consciência humana. O cérebro é capaz de produzir ideias, pensamentos. Já a matéria sempre existiu e não depende da consciência humana. Para os materialistas é um absurdo uma consciência separada do cérebro, porque a matéria não é fruto da

14 ENGELS, Friederich. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico. Marxists Internet Archive, 2003. Disponível em: <www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

mente, mas a mente é o maior produto da matéria. As ideias, então, são um reflexo do mundo material que nos circunda, como dizia Marx: “*A vida não é determinada pela consciência, mas a consciência é determinada pela vida*”. Já para os idealistas, o caminho é o inverso: o mundo material é simplesmente um reflexo do mundo das ideias. Existem vários tipos de idealismo e, essencialmente, todos explicam que as ideias são primárias e a matéria, caso exista, é secundária.

Junto da concepção materialista da história, há também a dialética. De acordo com Engels, a dialética foi nossa melhor ferramenta e faça mais afiada. Ela é o nosso guia de ação, a bússola que nos permite perceber e entender as engrenagens do turbilhão de eventos e dos processos internos que dão forma ao nosso mundo.

Em o “ABC da Dialética Materialista”, Trotsky escreve:

A dialética não é ficção, nem misticismo, mas uma ciência das formas de nosso pensamento, na medida em que não se limita aos problemas cotidianos da vida, mas tenta chegar a uma compreensão dos processos mais complicados e profundos. A dialética e a lógica formal mantêm uma relação semelhante àquela entre as matemáticas superiores e as matemáticas elementares.¹⁵

A lógica é a ciência das leis do pensamento, todos os pensamentos que tivermos precisam satisfazer as exigências da razão e foram essas exigências que deram origem às leis do pensamento, aos princípios da lógica. Foi Aristóteles quem formulou o sistema da lógica formal e instituiu as três leis básicas da lógica: o princípio de identidade, da não contradição e do terceiro excluído. A lógica formal é a base dos grandes avanços da ciência moderna. O desenvolvimento da matemática foi baseado nessa lógica, por exemplo. A lógica formal é crucial e é responsável pela execução de muitas coisas no cotidiano, mas ela tem seus limites. Ao lidar com processos e eventos complexos ela se torna totalmente inadequada, porque a lógica formal considera as coisas como fixas, estáticas. A dialética, comumente e de modo equivocado, é tratada como algo místico, quando - na verdade - ela é uma tentativa de entender com mais clareza o mundo real, um mundo de constante transformação. Em “Anti-Duhring”, Engels afirma que a dialética é nada mais que a ciência das leis gerais do movimento, que é a lógica do movimento.

Em “Dialética da Natureza”, Engels descreve o processo da mudança:

É num curso circular eterno que a matéria se move, curso circular que só completa a sua órbita em espaços de tempo para os quais o nosso ano terrestre já não é mais escala suficiente; um curso circular, em que o tempo do desenvolvimento mais elevado, o tempo da vida orgânica e, mais ainda, o da vida de seres autoconscientes e conscientes da Natureza é medido tão apertadamente como o espaço em que a vida e a autoconsciência vêm a vigorar; um curso circular, em que cada modo finito de existência da matéria - seja ele sol ou nuvem de vapor, animal singular ou gênero animal, combinação ou

15 TROTSKY, Leon. O ABC da Dialética Materialista. Esquerda Marxista, 2021. Disponível em: <www.marxismo.org.br/o-abc-da-dialetica-materialista/>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

dissociação química - é do mesmo modo transitório e em que não há nada de eterno senão a matéria que eternamente se altera, que eternamente se move, e as leis segundo as quais ela se move e altera. Mas, por mais frequente e por mais inexoravelmente que este curso circular se complete no tempo e no espaço; por mais milhões de Sóis e de Terras que possam nascer e perecer; por mais tempo que possa levar até que num sistema solar se estabeleçam, só num planeta, as condições da vida orgânica; por mais seres orgânicos inumeráveis que tenham que surgir e sucumbir antes de que, do meio deles, se desenvolvam animais com um cérebro capaz de pensar e encontrem, por um curto lapso de tempo, condições capazes para a vida, para, então, serem também exterminados sem piedade - temos a certeza de que a matéria, em todas as suas transformações, permanece eternamente a mesma, de que nenhum dos seus atributos se pode perder, e de que, por isso, também com a mesma necessidade férrea com que exterminará de novo da Terra a sua flor suprema, o espírito pensante, terá de novo que o produzir, nalgum outro sítio e noutro tempo.¹⁶

O filósofo alemão Georg F. Hegel teve, como sua grande contribuição, o resgate do modo dialético de pensar que foi desenvolvido originalmente pelos filósofos gregos antigos há aproximadamente 2 mil anos. Hegel, apesar de idealista, foi a mente mais enciclopédica de sua época e ao abraçar a dialética liberou a história da metafísica. Mesmo Hegel sendo limitado pelo seu conhecimento, pelo conhecimento de sua época e pelo fato de ser idealista, ele, sistematicamente, delineou as leis importantes da mudança: a lei da quantidade em qualidade (e vice-versa), a unidade dos opostos e a negação da negação.

A mudança não acontece gradativamente em linha reta, há saltos na evolução, na transformação. Esse é o marco da compreensão da mudança: a lei da quantidade em qualidade. Por exemplo, há longos períodos de evolução onde não ocorreram aparentes mudanças e, de repente, surgem novas formas de vida. Ou seja, diferenças quantitativas permitiram uma mudança qualitativa, um salto de qualidade, a origem de novas espécies. Uma greve em uma fábrica é produzida por um acúmulo de mudanças dentro da fábrica que finalmente faz com que a força de trabalho entre em greve. O estopim da greve pode ser algo pequeno e acidental, mas, que se tornou “a última gota no copo”. As mudanças graduais na consciência dos trabalhadores levam a uma explosão na luta de classes.

Vivemos num mundo que é uma união de contradições, uma união de opostos: frio-quente, luz-escuridão, capital-trabalho, nascimento-morte, riqueza-pobreza, positivo-negativo, crescimento-crise, pensamento-realidade, finito-infinito, repulsão-atração, esquerda-direita, em cima-embaixo, evolução-revolução, chance-necessidade, venda-compra, etc. Uma das leis da dialética é a unidade dos opostos. Para entender algo, sua essência, precisamos entender suas contradições internas. A contradição é a fonte de todo movimento, somente até o momento que há contradição, há movimento, força e efeito, e o movimento também é uma contradição: estar

16 ENGELS, Friederich. Dialética da Natureza. Marxists Internet Archive, 2018. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/dialetica/int_dialetica.htm>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

em um lugar e em outro ao mesmo tempo. Para Hegel, “o movimento significa estar neste lugar e não estar, esta é a continuidade do espaço-tempo - e isto é que torna o primeiro movimento possível”. A causa se torna o efeito e o efeito se torna a causa, as coisas se transformam nos seus opostos. A lei da unidade de opostos é muito bem ilustrada pela luta de classes. A existência do capitalismo exige uma classe capitalista e uma classe trabalhadora. Cada classe defende seus interesses, a luta pelo mais-valor criado pelos trabalhadores e apropriado pelos capitalistas, isso leva a uma irreconciliável luta, a luta de classes. Uma luta que fornecerá a base para uma eventual superação do capitalismo e a resolução da contradição por meio da abolição das classes.

Como dito anteriormente, o progresso não é uma reta constante. O padrão geral do movimento histórico não é o de uma linha reta para cima, mas de uma complexa interação na qual cada passo adiante só é conseguido ao custo de um passo parcial para trás. A lei da negação da negação explica a repetição em um nível mais alto de determinadas características do nível mais baixo e o aparente retorno das características passadas. De modo breve, o progresso histórico é obtido por meio de uma série de contradições. A negação do estágio anterior não quer dizer sua total eliminação, visto que o estágio suplantado não é totalmente varrido do mapa.

Em “Anti-Duhring”, Engels usará de uma série de exemplos para ilustrar a negação da negação:

Tomemos, por exemplo, um grão de cevada. Todos os dias, milhões de grãos de cevada são moídos, cozidos, e consumidos, na fabricação de cerveja. Mas, em circunstâncias normais e favoráveis, esse grão, plantado em terra fértil, sob a influência do calor e da umidade, experimenta uma transformação específica: germina. Ao germinar, o grão, como grão, se extingue, é negado, destruído, e, em seu lugar, brota a planta, que, nascendo dele, é a sua negação. E qual é a marcha normal da vida dessa planta? A planta cresce, floresce, é fecundada e produz, finalmente, novos grãos de cevada, devendo, em seguida ao amadurecimento desses grãos, morrer, ser negada, e, por sua vez, ser destruída. E, como fruto desta negação da negação, temos outra vez o grão de cevada inicial, mas já não sozinho, porém ao lado de dez, vinte, trinta grãos.¹⁷

A cevada vive e se desenvolve para retornar ao seu ponto inicial, e retorna em um nível mais alto. Uma semente deu origem a muitas outras. As plantas, com o tempo, também se desenvolveram qualitativamente bem como quantitativamente. Sucessivas gerações mostraram variações e se tornaram mais adaptadas ao seu ambiente. Outro exemplo que Engels usa é o das borboletas. As borboletas nascem do ovo por meio da negação do ovo, passam por transformações até alcançarem a maturidade sexual, se acasalam e são, por sua vez, negadas. Elas morrem logo que o processo de acasalamento seja completado e a fêmea tenha posto inúmeros ovos.

A teoria norteia os marxistas. Por exemplo, por que a Liberdade e Luta pauta

17 ENGELS, Friederich. Anti-Duhring. Marxists Internet Archive, 2002. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap13.htm>>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

tanto a união operário-estudantil ou a independência financeira? Lênin, ao final de “O Estado e a Revolução” expressa o seguinte pensamento:

Naturalmente, o órgão de juventude ainda não tem clareza e solidez teóricas, e talvez nunca venha a ter, justamente porque se trata de um órgão de juventude impetuosa, efervescente e ansiosa. [...] Outra coisa são as organizações de juventude, que se declaram abertamente que ainda estão estudando, que seu objetivo principal é preparar os trabalhadores para os partidos socialistas.¹⁸

Outro trecho interessante está na carta de Trotsky para a Liga da Juventude Socialista:

Um partido revolucionário deve, necessariamente, basear-se na juventude. Mais além, pode-se dizer que o caráter revolucionário de um partido pode ser julgado, em princípio, pela sua capacidade de atrair para as suas fileiras a juventude trabalhadora. E o atributo fundamental da juventude socialista - e aqui me refiro à juventude genuína e não aos velhos de vinte anos de idade - está em sua disposição para se entregar total e completamente à causa do socialismo. Sem sacrifício pessoal e heroico, coragem e determinação a história de modo geral não segue adiante.¹⁹

Em ambas as citações se percebe que a juventude é imprescindível, pela sua força de vontade e animação para lutar contra o capitalismo. No entanto, há uma incapacidade de a juventude realizar, sozinha, uma revolução. A teoria marxista deixa claro que apenas o proletariado pode transformar as relações atuais de produção e construir o socialismo, isso acontece devido ao lugar ocupado pelos trabalhadores na linha de produção. A aliança operário-estudantil compreende que a juventude sozinha pode fazer muito estrago, mas, que é, também, incapaz de construir um processo revolucionário, porque somente o proletariado pode fazê-lo. O que leva à conclusão de que o partido do proletariado deve estar unido aos jovens e estudantes na luta pelo socialismo, aliás “um partido revolucionário deve, necessariamente, basear-se na juventude”. Mais a frente no livro “O Estado e a Revolução”:

Por isso, entre outras coisas, devemos nos colocar incondicionalmente ao lado da organização independente da união da juventude, e não apenas porque os oportunistas temem tal independência, mas também pela essência da coisa. Isso porque sem completa independência, a juventude não poderá nem formar bons socialistas, nem se preparar para levar o socialismo adiante.

18 LÊNIN, Vladímir Ilitch. O estado e a revolução. Trad. Edições Avante!. São Paulo: Ed. Boitempo, 2017, p. 184.

19 Trecho da carta de Leon Trotsky para a conferência da Liga da Juventude Socialista, em 1938. Disponível em: <http://liberdadeeluta.org/node/61> . Acesso em: 21 de jul. 2020.

Por uma completa independência das uniões da juventude, mas também pela completa liberdade de uma crítica camarada aos erros. Devemos estimular a juventude.²⁰

Sob o capitalismo, independência econômica é sinônimo de independência política. Há um jargão que diz: “Quem paga a banda escolhe a música”. A juventude deve, então, pagar sua banda e colocar suas músicas para tocar, e, assim, poderão encontrar clareza teórica e linhas políticas distantes do oportunismo numa organização que não terá medo de levantar suas bandeiras. Vimos isso quando a Liberdade e Luta da década de 70 não se importou em dizer, e ser a primeira a dizer, “abaixo a Ditadura”. Vimos isso também em 2019, quando a Liberdade e Luta foi a primeira organização política a pautar publicamente o “fora Bolsonaro”. A Liberdade e Luta está à frente das outras organizações, não por ter um militante gênio e iluminado que dita suas linhas políticas, mas, por ser uma organização de militantes que se apoiam na teoria marxista para decidirem o que fazer.

A Liberdade e Luta é uma juventude trotskysta que combate pelo socialismo no Brasil e no mundo. Ou seja, possui acordo político com a 4º Internacional Comunista. O programa da 4º Internacional se chama “Programa de Transição” e foi redigido por Leon Trotsky. Nesse programa o autor faz uma breve, mas profunda análise sobre a degeneração do capitalismo e a necessidade de uma revolução:

As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras, elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada da sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se a crise da direção revolucionária.²¹

O capitalismo degenerado, com um pé na cova e o outro na barbárie, lança base para o processo revolucionário, constrói seus próprios coveiros. As condições objetivas não só estão maduras, mas já começam a apodrecer. O capitalismo não desenvolve mais forças produtivas e para os marxistas, o desenvolvimento de uma sociedade é determinado pelo desenvolvimento de suas forças produtivas (meios de produção e força de trabalho humano). Nunca nenhuma ordem social desaparece antes de todas as forças produtivas que existiam nela estarem desenvolvidas. De modo brilhante, Hegel explica: “Foi por meio da escravidão que o homem se tornou livre”. A escravidão, no seu tempo, foi um grande avanço em relação à servidão. Foi um estágio necessário para o desenvolvimento das forças produtivas, da cultura e da sociedade humana. Da mesma forma que o capitalismo também foi um estágio necessário para o desenvolvimento da sociedade humana e que agora deve ser superado.

20 LÊNIN, Vladímir Ilitch. O estado e a revolução. Trad. Edições Avante!. São Paulo: Ed. Boitempo, 2017, p. 185.

21 TROTSKY, Leon. O programa da revolução. Trad. Cláudio Soares. Brasília. Ed. Nova Palavra, 2008, p. 93.

Quando a Revolução Francesa (a revolução da burguesia) acontece, ela se manifesta sob o lema “igualdade, liberdade e fraternidade”, pregando a democracia. O feudalismo, incapaz de desenvolver forças produtivas, deu lugar ao capitalismo, que, inicialmente, foi capaz de fazê-lo. No entanto, o capitalismo se converte de um sistema progressista em relação ao feudalismo em um sistema decadente e reacionário que impede a humanidade de seguir adiante rumo ao reino de liberdade. O capitalismo, com seu teor progressista, suprime o feudalismo e, com suas contradições, lança base para o socialismo.

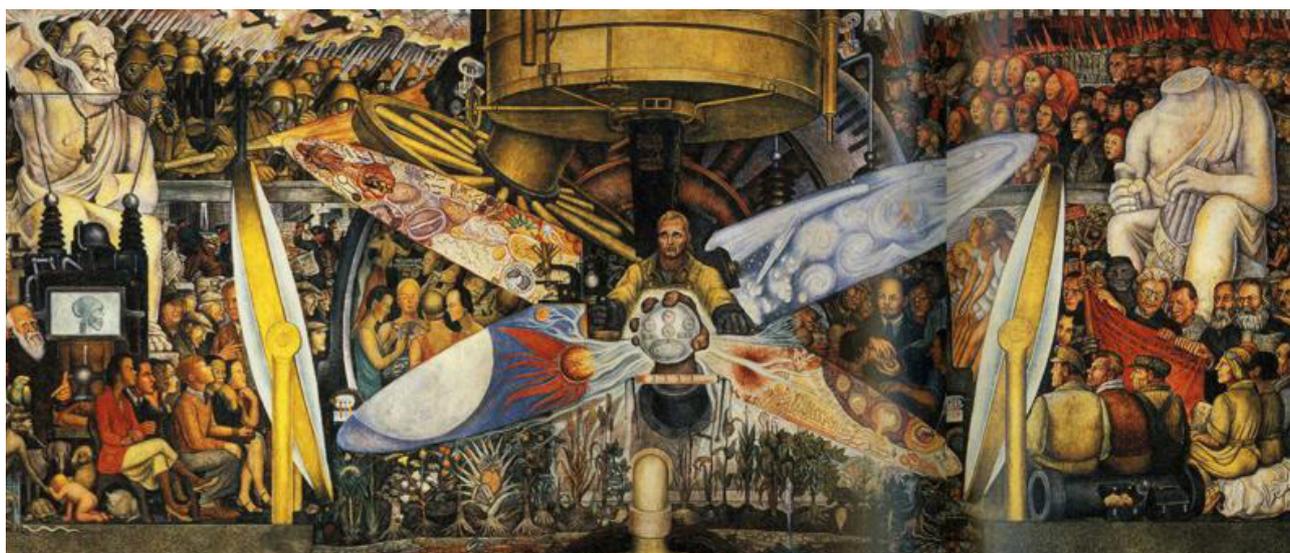
Uma das principais palavras de ordem da Liberdade e Luta é: “Público, gratuito e para todos. Transporte, saúde e educação”. Uma palavra de ordem que coincide com os lemas da revolução burguesa, mas, que no momento entra em choque com a burguesia, com o capitalismo e isso não poderia ser diferente. Como tática, Trotsky apresenta as reivindicações transitórias. As mesmas reivindicações, que coincidem com os lemas da revolução burguesa, quando levadas até o fim demonstram que só serão plenamente atendidas numa sociedade socialista. Essas reivindicações são necessidades atuais da classe proletária como educação, saúde, infraestrutura, etc. Exemplificando, quando um estudante quer uma cadeira melhor para estudar, ele vai à diretoria de seu colégio e questiona o motivo de não a ter. A réplica é de que não há verba. Vai, então, à Secretaria de Educação e recebe a mesma resposta. Depois disso, ao olhar o orçamento da União, o estudante percebe que quase 90% deste é dedicado a uma dívida pública sem fim que só entope os bolsos dos banqueiros. O mesmo acontece com um jovem que quer cursar a faculdade, mas encontra como obstáculo os vestibulares. Todo o dinheiro necessário para educação não é uma possibilidade no capitalismo, somente a superação desse sistema de barbárie e morte pode nos permitir ter acesso ao conhecimento acumulado pela Humanidade.

Sendo a teoria revolucionária um norte para as ações, é preciso estar atento - porque erros teóricos, cedo ou tarde, se transformam em desastres na prática. É imprescindível compreender o mundo para transformá-lo. A tática de aliança operário-estudantil não veio do além, as reivindicações transitórias também não, nem a palavra de ordem: “Público, gratuito e para todos. Transporte, saúde e educação. Abaixo a Repressão”, todas vieram da compreensão do mundo como ele realmente é, do entendimento da essência, e, não, da aparência das coisas. Isso exige conceitos, requer entendimento do mundo e demanda um debate político profundo, e, para isso, é preciso ter *práxis*. Marx, ao ser questionado de que “só falava e praticava academicismo que não convinha à classe trabalhadora”, disse “a ignorância nunca ajudou a ninguém”²², isso se faz atual.

22 Resposta de Marx em 1846, quando o socialista utópico Weitling se queixou que Marx e Engels só escreviam intelectualidades sobre temas que não interessavam à classe trabalhadora.

NOSSO TEMPO: DERRUBAR O CAPITALISMO, CONSTRUIR O SOCIALISMO

— *Julia Vasconcelos*



O Homem Controlador do Universo, Diego Rivera, 1933

O capitalismo foi um modo produtivo capaz de proporcionar o maior avanço alcançado pela humanidade, ao menos, até 1848. A partir da segunda metade do século XIX, a história nos ensina como a burguesia, a classe social dirigente desta sociedade, deixou de possuir qualquer rastro progressista, sendo que, ao invés de desenvolver as forças produtivas como fazia até então, passou a destruí-las, e como os desenvolvimentos que alcançou viraram armas para seguir explorando e oprimindo aqueles que produzem toda a riqueza, a classe trabalhadora. Deste modo, este sistema passou a proporcionar à humanidade um horror sem fim, pelas crises de superprodução, as depressões econômicas e o imperialismo, sua fase última e superior. Estes elementos fazem parte da natureza capitalista, porque se trata de um sistema que se afunda em suas próprias contradições, a propriedade privada dos grandes meios de produção e os Estados nacionais, aprofundando a cada período a desigualdade social, o desemprego em massa e milhões de trabalhadores morrendo sem acesso a direitos básicos para dignas condições de vida.

A barbárie capitalista se evidencia em nosso tempo por crises maiores que as dos livros de história, que nos chocavam anteriormente, mas que hoje são nossa realidade. Diante disso, podemos nos perguntar, então, por que o capitalismo não é derrubado. O revolucionário internacionalista Leon Trotsky, dirigente da Revolução Russa de 1917, nos explicou em seu “Programa de Transição”, de 1938, que as condições

objetivas para o fim deste modo produtivo estão já apodrecidas, mas que a condição subjetiva, sendo esta um Partido Operário Revolucionário capaz de organizar a revolta das massas trabalhadoras e da juventude, ainda se encontra travada à crise das direções dos trabalhadores. Isto é, que toda a crise da sociedade burguesa é acrescida pela crise de direção revolucionária, devido ao papel traidor e conciliador dos reformistas que buscam salvar este sistema falido. Assim sendo, a tarefa mais importante para um ser humano hoje é a luta pela construção do fator subjetivo, de um partido revolucionário com influência de massas e que tenha, como base de seu programa, o marxismo, a ciência da revolução proletária.

Nesta correlação de forças, nosso papel, enquanto vanguarda da juventude, se sobressai pela capacidade de ser a primeira corda a vibrar ao som da revolução. Por isso, temos a tarefa crucial de aprender o materialismo histórico-dialético, o marxismo, para compreender que é impossível gerir essa crise sem continuarmos a sentir sangrar a carne de milhões de trabalhadores e jovens. Neste estudo proporcionado pela organização revolucionária e seus materiais produzidos, tal como é a Liberdade e Luta, compreendemos que somente com o socialismo, a planificação da economia sob controle da classe trabalhadora, é possível dar fim a essa exploração e retirar a humanidade do caminho da barbárie total.

A crise capitalista que estourou em 2008, no coração do imperialismo, perdura até nossos dias, foi agravada pela pandemia do novo coronavírus, e tem um resultado irreversível: o crescimento da pobreza, com milhares de pessoas nas favelas e periferias, o desemprego alcançando picos históricos, e direitos trabalhistas e sociais conquistados pela luta operária atacados pelo Estado burguês, no Brasil e no mundo. Enquanto milhões vivem sem saneamento de esgoto, educação e atendimento eficaz do sistema de saúde, uma minoria de detentores dos meios produtivos, desfruta do acúmulo da riqueza produzida pela classe trabalhadora. De acordo com o índice de bilionários da *Bloomberg*, no Brasil durante o ano de 2020, em plena pandemia, 10 novos bilionários vieram se somar aos 55 já existentes totalizando uma fortuna de R\$220 bilhões. Enquanto isso, mais de 80% dos acordos coletivos de trabalho foram assinados com reajuste abaixo da inflação, ou seja, com perda real de salários. É a concentração do capital numa velocidade absurda, como nunca vista.

Em contrapartida, os trabalhadores são obrigados a irem trabalhar durante a pandemia do coronavírus, arriscando suas vidas ao enfrentarem os transportes públicos em péssimas condições e superlotados, tudo para evitar uma situação ainda pior de desemprego. Toda desigualdade que vemos ao nosso redor é consequência direta da propriedade privada dos grandes meios de produção, pertencente à burguesia, que suga seu lucro do trabalho não remunerado dos trabalhadores.

Na atual situação de crise do capitalismo, de decadência econômica, social, cultural e política da sociedade, as formas de preconceito e opressão se intensificam ainda mais e o contexto se torna mais violento. A violência contra mulheres cresce e torna a situação mais degenerada. Nesse cenário de destruição, as pessoas são mortas em todo o mundo em função da sua religião, cor da pele, orientação sexual ou aparência, gerando as revoltas de massas que vimos e participamos no último período, em diversos países, contra o racismo e a violência policial. Estas mobilizações também se voltam contra o sistema, mostrando suas capacidades de derrotar definitivamente este modo produtivo. Os jovens compreendem a cada novo momento a irrefutável verdade: não existe capitalismo sem racismo e machismo, e LGBTfobia, já que o capi-

talismo é um sistema que tem seus pilares edificados nestas opressões para a divisão da classe trabalhadora e pela obtenção primitiva de seu acúmulo de capital.

Vemos uma degradação cada vez mais galopante do meio-ambiente, queimadas em função do agronegócio ou práticas ilegais que afetam biomas inteiros, expulsando os animais de seus habitats naturais e levando a fuligem a quilômetros de distância, trazendo mais problemas ao ar já poluído das cidades. O desmatamento, crises hídricas, ondas de calor e enchentes violentas se espalham em diferentes partes do planeta. Para além dos fenômenos naturais, a intervenção humana na natureza sem conscientização e a intervenção capitalista em grande escala trazem uma situação insustentável. Não à toa essa pauta sensibiliza cada vez mais camadas da juventude preocupadas com o futuro do planeta em que viverão. Para viver em harmonia com a natureza, é preciso uma economia planificada que faça uso racional dos recursos naturais para satisfazer as necessidades humanas sem agredir a natureza. Isso só será possível tomando os grandes meios de produção e organizando a economia sob o interesse da maioria e não dos lucros.

É fato que o sistema capitalista sempre colocou o lucro acima da vida e todo peso de suas crises nas costas da classe trabalhadora. No entanto, fica cada vez mais difícil para os capitalistas controlarem suas constantes crises e manterem as aparências de seu sistema apodrecido. A pandemia do coronavírus apenas escancarou a crise mais profunda da história do capitalismo. E no Brasil, tal como em outros países atrasados e governados pelos elementos mais reacionários da sociedade, a situação e o quadro caótico de mortes pelo coronavírus foram ainda mais cruéis e devastadoras. Para manter a taxa de lucros, a burguesia não assegurou o direito à vida, por meio da correta quarentena remunerada, enquanto os ricos estavam no conforto de seu isolamento social e com os melhores tratamentos, caso fossem contaminados. Aliada a isso, a produção ideológica de responsabilização dos trabalhadores pelo número de contaminação e mortes.

A partir do falso combate à pandemia e as desesperadas ações da burguesia e direções traidoras do proletariado em conservar o capitalismo, fica evidente que esse sistema é completamente incapaz de lidar com cada uma de suas crises e muito menos se sustentar sem usar a classe trabalhadora como “bucha de canhão”. O acirramento da luta de classes é, assim, incontrolável. Os protestos que vêm acontecendo em todo o mundo mostram que as massas não se sentem e de fato não estão derrotadas. Pelo contrário, estão dispostas a lutar mesmo nas piores circunstâncias contra esse descaso com suas próprias vidas contra esse sistema. É nessa situação que a classe trabalhadora está obrigada a combater internacionalmente e buscar a revolução socialista como condição de sobrevivência humana.

A história e nossa realidade não nos deixam dúvida que há apenas uma solução: revolução! Por isso, nós da Liberdade e Luta, combatemos pelo socialismo, superando as políticas de divisão entre os jovens e trabalhadores que o capitalismo lança por meio de políticas identitárias. Estas apenas dificultam a unidade entre estudante e trabalhador na luta contra a burguesia e seu modo de produção decrépito. Nós não precisamos de políticos burgueses e reformistas que nos “defendam” no parlamento ou que nos digam que irão resolver nossos problemas por meio das suas instituições. Na Liberdade e Luta, nos organizamos politicamente estando nos ombros dos gigantes revolucionários que nos deixaram o legado, a história e a teoria marxista. Com estas armas que vamos às ruas, às escolas, às universidades e aos locais de trabalho

agitando e propagandeando as ideias do socialismo científico. A única perspectiva que nos apresenta algum futuro é derrubar esse sistema, realizando nosso papel enquanto juventude, que é ajudar na construção do poder econômico e político da classe trabalhadora e no efetivo desenvolvimento da Humanidade.

Deste modo, compreendendo que este sistema engendrou-se internacionalmente, trata-se de uma política contrarrevolucionária nos limitarmos às fronteiras nacionais. Nossa emancipação e vitória começa na arena nacional, com as reivindicações e conquistas transitórias, mas só terminam na arena mundial com a revolução permanente e o socialismo internacional. Por isso, na Liberdade e Luta, estamos constantemente em solidariedade e conexão com os jovens de todo o mundo, em campanhas e ações integradas pelo socialismo.

No capitalismo, a produção é coletiva, com todas as trocas internacionais, mas a apropriação é privada pelas burguesias e pelo imperialismo. Só conseguiremos derrotá-los quando toda produção for planejada e coletivizada, gerida e apropriada democraticamente para atender as necessidades de todos. Não há qualquer alcance das liberdades individuais sem essa resolução socialista, pois todas as demais alternativas, das abertamente liberais às que aparentam progressismo, limitam-se às relações capitalistas. A verdadeira liberdade só será alcançada quando não existirem mais fronteiras entre os países e todos possamos transitar pelo mundo inteiro livremente, sem as fronteiras arbitrárias.

Ao contrário do que os filósofos e teóricos pequeno-burgueses pregam, o desenvolvimento e o progresso da humanidade não se tratam de utopias ou realizações impossíveis, pois, como julgam, a “natureza humana” seria de exploração e pelos interesses individuais. O pessimismo é resultado da decadência do que estrutura nossas vidas e o pensamento, o modo produtivo. Longe desta perspectiva, a Liberdade e Luta compreende que a história da humanidade é a história da luta de classes e, por isso, lutamos cotidianamente por um governo dos trabalhadores, sem patrões nem generais, onde será possível construir o que disse a revolucionária Rosa Luxemburgo: *“uma sociedade onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”*.

Lutamos ao lado da classe trabalhadora porque esta é a classe que nada possui, senão sua própria força de trabalho, é a classe mais revolucionária de nosso tempo. Temos consciência que o mundo novo que almejamos não será concedido pelas classes dominantes, mas, sim, construído pelos explorados quando tomarem o poder.

O poder operário-camponês que será capaz de conquistar irrestritamente o direito à moradia, transporte, educação, saúde e, como disse Leon Trotsky, *“não só o direito ao pão, mas também à poesia”*. Para garantir vagas a todos os estudantes nas universidades públicas, para todos os que querem estudar e condições de trabalho para todos os profissionais da Educação, temos que lutar pela Educação Pública, Gratuita e para Todos.

Para tanto, o primeiro passo deve ser a construção do partido revolucionário e marxista, guiado pelo internacionalismo dos trabalhadores e da juventude. Em nossa conjuntura, esta construção se passa pela derrubada do governo Bolsonaro, que não representa os interesses da juventude e dos trabalhadores, mas, sim, aos interesses dos inimigos da nossa classe, a burguesia, em sua face mais reacionária. Por isso, convidamos a todos a se organizar e se formar politicamente junto à Liberdade e

Luta, para que coletivamente consigamos enterrar o capitalismo e seus defensores de uma vez por todas, abrindo espaço para um novo sistema econômico que precisa nascer: o socialismo internacional.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. Medo e liberdade, 1997. Teoria e Debate. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/1997/07/01/medo-e-liberdade/>>.
- Revista Forum. A Libelu ganhou o poder. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/revista/19/a-libelu-ganhou-o-poder/>>.



PARA A LIBERDADE E LUTA

Me enterrem com os trotskistas
na cova comum dos idealistas
onde jazem aqueles
que o poder não corrompeu

Me enterrem com meu coração
na beira do rio
onde o joelho ferido
tocou a pedra da paixão.

Paulo Leminski

